



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

WILMA DOS SANTOS LIMA

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS NA LEITURA E ESCRITA

JOÃO PESSOA
2020

WILMA DOS SANTOS LIMA

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS NA LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do
Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

JOÃO PESSOA/PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732d Lima, Wilma dos Santos.

Dificuldade de aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na leitura e escrita / Wilma dos Santos Lima. - João Pessoa, 2020.
67 f. : il.

Orientação: Isolda Ayres Viana Ramos.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Dificuldades de aprendizagem. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Ramos, Isolda Ayres Viana. II. Título.

UFPB/BC

WILMA DOS SANTOS LIMA

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS NA LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do
Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em
Pedagogia.

Aprovado em 11/08/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Esp. Isolda Ayres Viana Ramos – UFPB/CE/DME
Orientadora

Prof.^a Dra. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira – UFPB/CE/DME
Examinadora

Prof. Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra – UFPB/CE/DHP
Examinador

Aos meus familiares e amigos que sempre estiveram me auxiliando nos momentos difíceis da minha vida e aos professores que com seus conhecimentos fizeram com que através da educação eu conquistasse meus objetivos, adquirindo conhecimentos para minha vida, profissional e pessoal, dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por existir na minha vida, pela sua infinita bondade, acreditando que tudo é possível.

Aos meus pais Alcir Sucupira Lima e Iracema dos Santos Lima (*in memoria*), mas que continuam vivos em minha memória, apesar de terem pouca escolarização sempre quiseram que eu estudasse para aprimorar meus conhecimentos.

Aos meus filhos Wannaina Tatiana Santos de Souza, Ítalo Rodolfo dos Santos Lima e Luana Raquel dos Santos Lima, que tanto amo, tendo paciência entendendo na maioria das vezes a importância deste curso para minha vida profissional.

Em especial a meus netos Carlos Henrique dos Santos Souza, Arthur Santos de Souza, Isabella Mariáh Silva Santos Maria Ritha Silva Santos, Maicon dos Santos. Que tanto amo.

Aos/ Meus Irmãos/ãs Jurandir dos Santos Lima, Jamenson dos Santos Lima, Jacson dos Santos Lima, Alcira dos Santos Lima, Maria de Fatima dos Santos Lima e Tania dos Santos Lima. Por ter me ensinado a nunca desistir.

A minhas cunhadas, Tania Rangel Brasileiro, Maria do Rosário Araújo, Rosângela Marques dos Santos. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Aos meus Sobrinhos Murilo Felipe Machado, Gustavo Lima, Wesley Marques dos Santos. Alcir Araújo. Nunca esqueça que a sabedoria está dentro de você.

A minhas sobrinhas Elisângela dos Santos, Aline Araújo Lima, Ana Luísa Araújo Lima, Leidiana Lima da Silva, Larissa Lima, Letícia Lima, Ingrid Lima, Natália dos Santos, Wanessa Marques. Nunca desistam dos seus objetivos.

Ao meu genro Allan Carlos Santos de Souza, e a minha nora Catiane dos Santos. Obrigada por me proporcionar felicidades.

A Emerson Kaydson Rocha, nunca deixe de estudar, a vida se constrói através do conhecimento.

Meus agradecimentos em especial à professora Isolda Ayres Viana Ramos, minha orientadora, com sua dedicação, e atenção, para que fosse possível a conclusão deste trabalho acadêmico.

A Maria Araújo dos Santos, por ter contribuído tanto me apoiando, sendo uma amiga sempre presente e incentivando neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus amigos, Antônio Carlos Alves e João Batista Moreira, por me apoiarem nos momentos difíceis da minha vida.

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada.

Paulo Freire, 1987

RESUMO

Este trabalho tem como título dificuldade de Aprendizagem dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos na Leitura e Escrita, cujo objetivo geral foi analisar quais os aspectos que podem influenciar os/as alunos/as a superar as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita. A base teórica do trabalho foi ancorada nos estudos dos teóricos, abordando a trajetória desta modalidade e suas transformações durante o transcorrer dos tempos. O professor precisa ter um olhar diferenciado para esses/as alunos/as que estão retornando à sala de aula, em busca de uma oportunidade através da escolarização melhorando suas condições de vida. A leitura e a escrita são fundamentais para o desenvolvimento de aprendizagem nos processos de socialização dentro da sala de aula e da sociedade, adquirindo a capacidade de compreensão das dificuldades que surgem durante a prática da leitura e escrita se apropriando do letramento, tendo uma consciência fonológica na cultura escrita, tornando-se um sujeito letrado através da alfabetização. A pesquisa foi de abordagem qualitativa, iniciando-se com o levantamento de material bibliográfico e digital para leitura e estudo, seguindo-se da coleta de dados, pela observação e a utilização de um questionário semiestruturado, aplicado com a professora da sala da Educação de Jovens Adultos. Houve também uma entrevista com quatro alunas cujas respostas orais foram registradas por ocasião do estágio supervisionado. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Frei Martinho no município de João Pessoa. Chegou-se à conclusão que o trabalho do/a professor/a é desafiador atendendo a grupos diversificados com faixas etárias diferentes, desenvolvendo uma prática pedagógica com ações, atendendo as necessidades dos/as alunos/as, interagindo e melhorando o relacionamento entre ambos, motivando-os para que eles possam adquirir confiança no ambiente em que estão inseridos num clima de harmonia, amizade e compreensão, enfrentando os desafios em sua permanência na sala de aula.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Dificuldades de Aprendizagem. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

This work is entitled Learning difficulty for Students of Youth and Adult Education in Reading and Writing, whose general objective was to analyze which aspects can influence students to overcome learning difficulties in reading and writing. The theoretical basis of the work was anchored in the studies of theorists, addressing the trajectory of this modality and its transformations during the passage of time. The teacher needs to have a different look for these students who are returning to the classroom, looking for an opportunity through schooling to improve their living conditions. Reading and writing are fundamental for the development of learning in socialization processes within the classroom and society, acquiring the ability to understand the difficulties that arise during the practice of reading and writing, appropriating literacy, having a phonological awareness in written culture, becoming a literate subject through literacy. The research was of a qualitative approach, starting with the survey of bibliographic and digital material for reading and study, followed by data collection, by observation and the use of a semi-structured questionnaire, applied with the teacher of the Education room of Young adults. There was also an interview with four students whose oral responses were recorded during the supervised internship. The research was carried out at the Frei Martinho State Elementary School in the city of João Pessoa. It was concluded that the work of the teacher is challenging given the diversity of groups with different age groups, developing a pedagogical practice with actions, meeting the needs of students, interacting and improving the relationship between them, motivating them so that they can gain confidence in the environment in which they are inserted in a climate of harmony, friendship and understanding, facing the challenges in their stay in the classroom.

Keywords: Youth and Adult Education. Learning difficulties. Reading. Writing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
2.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA.....	20
2.2 JOVENS E ADULTOS E SUAS DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO.....	26
2.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA.....	28
2.4 O NÚMERO DE JOVENS PRESENTES NA SALA DE AULA.....	31
2.5 DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELO O PROFESSOR DA EJA...	33
2.6 O CICLO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	35
2.7 FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA ENSINAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	40
2.8 O LIVRO DIDÁTICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	45
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
3.1 LOCAL DA PESQUISA.....	46
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	47
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	47
3.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	47
3.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICES	66

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como título “Dificuldade de Aprendizagem dos/as alunos/as da Educação de Jovens e Adultos na Leitura e Escrita”. O que justificou o interesse pelo tema e a escolha do mesmo foi a observação, durante a vivência das atividades que foram desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado V, nas visitas à escola campo, nas observações em sala de aula, constatando as dificuldades de leitura e escrita apresentadas pelos/as alunos/as durante o desenvolvimento das atividades envolvendo o ato de ler.

Por ser um problema frequente, detectado nas escolas, torna-se necessário que os/as professores/as estejam preparados e tenham conhecimentos sobre este assunto, promovendo a aprendizagem com diversos tipos de prática de leitura, incentivando a participação dos/as jovens, adultos e idosos, contribuindo para eliminar o analfabetismo, proporcionando um aprendizado mais significativo para os/as alunos/as. E através dos conhecimentos prévios suas necessidades podem ser atendidas de forma satisfatória, além de instigar os/as mesmos/as a pensar questionando sobre o assunto em estudo.

Ao chegar à sala de aula, os/as alunos/as, apresentam indecisões, contribuindo para que os/as professores/as enfrentem grandes embates diante de uma turma tão diversificada, onde há presença marcante de jovens nas salas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), comprovando a marca do fracasso escolar desde os primeiros anos escolares, refletindo em sua vida adulta. A prática educativa aplicada pelos/as professores/as será essencial para que todos os problemas de aprendizagem sejam compreendidos e percebidos durante o desenvolvimento das aulas, sendo analisados para encontrar a solução adequada para combater os problemas existentes.

As observações na sala de aula foram fundamentais para realização desse trabalho, já que são grandes os fatores que contribuem para as dificuldades enfrentadas por esses/as alunos/as, uma vez fora da sala de aula passam por uma diversidade de problemas que causaram prejuízo durante sua fase escolar na idade adequada. No contexto social, precisavam trabalhar logo cedo para ajudar no sustento de sua família, moravam em locais distantes da escola, enfrentavam violência no bairro, filhos de pais analfabetos.

O objetivo geral do trabalho foi analisar quais os aspectos que podem influenciar os/as alunos/as a superar as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita. E os objetivos específicos foram: discutir causas que surgiram durante o período de sua escolaridade nos anos iniciais impedindo sua aprendizagem; levantar materiais digitais e bibliográficos sobre o tema;

realizar visitas à escola e coletar dados com a professora da EJA e alunos/as que retornaram a sala de aula; refletir sobre a importância da leitura e escrita para a formação dos/as alunos/as dentro e fora da escola; desenvolver um texto integrando os conhecimentos teóricos adquiridos com o que foi observado durante o estágio enfatizando a superação das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização.

A escola que serviu de campo de pesquisa foi a escola Estadual Frei Martinho, local onde foi realizado o estágio e podem-se confrontar as teorias estudadas com a prática vivenciada neste período.

Para a construção do trabalho foi utilizada a pesquisa de natureza qualitativa, que se baseia em compreender a relação entre o sujeito e objeto. Os instrumentos para coleta de dados foi o questionário semiestruturado composto por questões fechadas e abertas (Apêndice 1) no intuito de perceber se há coerência entre as respostas e a prática pedagógica demonstrada no período de Estágio Supervisionado, e uma entrevista (Apêndice 2).

Os sujeitos da pesquisa foram: uma professora, que ensina na modalidade da EJA do ciclo III, que respondeu o questionário e quatro alunas que participaram da entrevista.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicia com um tópico sobre o surgimento da Educação de Jovens e Adultos no contexto histórico, contribuindo para a aprendizagem dos/as alunos/as, jovens, adultos e idosos. Em seguida, aborda-se a dificuldade de aprendizagem dos/as alunos/as da Educação de Jovens e Adultos/as na leitura e escrita, dificuldades de aprendizagem da escrita, o número de jovens presentes na sala de aula, dificuldades e desafios enfrentados pelo professor da Educação de Jovens e Adultos, o ciclo escolar e a Educação de Jovens e Adultos, a formação do professor para ensinar na Educação de Jovens e Adultos, e algumas considerações sobre o livro didático da Educação de Jovens e Adultos. Após o corpo teórico, apresentam-se os Procedimentos Metodológicos da pesquisa, as Considerações Finais e as Referências.

2 O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO

A História da Educação de Adultos no Brasil se iniciou desde o período colonial, com a chegada dos jesuítas em 1549, sendo implantado o sistema de ensino, na vida dos Adultos indígenas, com a finalidade de doutriná-los à fé cristã, além de induzi-los a fazer trabalhos manuais. Inicialmente os jesuítas buscaram educar as crianças indígenas, mas depois as orientações se estenderam aos índios adultos, que foram submetidos a aprender a ler e escrever os ensinamentos dos Missionários, impondo a cultura do homem branco, fazendo com que eles esquecessem os seus próprios costumes, sendo obrigados a passar por um processo de transição, tanto nos aspectos culturais, como educacionais.

Tudo começou com a escola criada pelos jesuítas, eles acreditavam que não seria possível converter os índios sem que eles soubessem ler e escrever. Verifica-se então a importância da alfabetização na vida dos adultos para que esses não só servissem para a igreja, como também para o trabalho manual. Através deste suposto trabalho de catequizar os índios, os jesuítas na medida em que ensinavam as primeiras letras ensinavam também a doutrina católica e os costumes europeus (CAVALCANTI, s/d. p. 5).

Nas palavras da autora, os adultos eram educados de acordo com a educação europeia, sendo os índios obrigados a aceitar sem questionar os costumes da coroa portuguesa. A educação estava mais direcionada para a doutrina religiosa, do que a educacional. Conforme Santana (s/d. p. 03), “nessa época a educação era de responsabilidade da igreja e não do Estado”. Durante o período que os jesuítas eram responsáveis pela educação brasileira, houve a fundação de vários colégios, com educação clássica e humanista.

Depois de muitos anos foram expulsos pelo Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo Ministro do então rei de Portugal, D. José I. Foram realizadas várias reformas com o intuito de melhorar a administração de Portugal, para organizar a exploração das riquezas do Brasil e com o lucro obtido, aumentando a riqueza de Portugal. Com a expulsão dos jesuítas, ocorreram muitas mudanças, principalmente na área educacional, desorganizando o ensino já existente. Tudo isso ocorreu no século XVIII. A educação ficou a cargo do Estado, ficando a igreja, sem esse poder.

Com a expulsão dos jesuítas de Portugal e das colônias em 1759, pelo Pombal, toda a estrutura organizacional da educação passou por transformações. A uniformidade da ação pedagógica, a perfeita transição de um nível escolar para outro e a graduação

foram substituídas pela diversidade das disciplinas isoladas. Assim, podemos dizer que a escola pública no Brasil teve início com o Marques de Pombal. Os adultos das classes menos abastadas que tinham intenção de estudar não encontravam espaço na reforma Pombalina, mesmo porque a educação elementar era privilégio de poucos e essa reforma objetivou atender prioritariamente o ensino superior. (MOURA, 2003, p. 27).

A educação passou a ser prioritária apenas para os mais favorecidos e as classes menos privilegiadas ficaram sem estudar, no caso os adultos e, conseqüentemente, o número de analfabetos só tinha a crescer consideravelmente. Com a Reforma Pombalina a uniformidade da ação pedagógica, a perfeita transição de um nível escolar para outro e a pedagogia foram substituídas pela diversidade das disciplinas isoladas, surgindo às aulas régias de acordo com o alvará régio, pondo fim em todas as escolas fundadas pelo os jesuítas e dando início a escola pública no Brasil.

Nas escolas, as disciplinas desenvolvidas eram as seguintes: gramática latina, de grego e de retórica, substituindo, no entanto, as escolas jesuítas que foram fechadas prejudicando os adultos que faziam parte dessa educação exercida pelos os missionários, dando então oportunidade apenas para os filhos dos colonos que fazia parte da elite. Para Santana (s/d. p. 05), “Os adultos que pertenciam às classes menos abastadas que tinham interesse em estudar não encontravam espaço na reforma de Pombal”. O Estado beneficiava as classes mais favorecidas.

No Brasil Imperial (1822-1889), a ação educacional foi muito debatida tanto intelectual quanto politicamente, mas a educação continua voltada apenas para os interesses da elite, foram criados cursos de formação superior para as classes mais privilegiadas. Enquanto que para os jovens e os adultos, a barreira continuava, não tinha espaço para o ensino destinado a essa modalidade. A preocupação do governo imperial estava direcionada para o ensino superior regulamentar e não estava empenhada em expandir uma escolarização básica integrada em todos os graus e modalidades para atender as populações menos favorecidas como os jovens e adultos que não tinham liberdades e também os negros ou mulheres que faziam parte dessa nação brasileira.

Por fim, pode-se afirmar que a educação imperial tinha caráter: classista, por ser destinada às elites; racista por não ser destinada aos negros, mesmo aos livres; de gênero, ao ser direcionado à formação dos homens já que a mulher ainda não tinha conquistado seu espaço no campo político e econômico; dual ao reforçar a hegemonia do bloco no poder que detinha o controle do aparelho estatal (SILVA; MAZZUCO, 2003, p.04).

Segundo os autores, no período imperial a educação no Brasil, não foi uniforme, ela estava sempre direcionada para as classes mais privilegiadas entre o discurso e a prática. No ano de 1920, surgiu discussão para saber que decisão seria tomada para reduzir o número de

analfabetos, mesmo porque o governo precisaria utilizá-los no trabalho industrial e foi necessário pensar num ensino para que os adultos tivessem oportunidade e o estado precisaria tomar uma posição solucionando o problema que invadia a educação brasileira, principalmente no tocante aos adultos. Mas na década de 30, a história da educação brasileira teve alguns avanços e conquistas. A sociedade então passou por grandes transformações principalmente devido ao processo de industrialização e a grande invasão da população rural nos centros urbanos

Com essas transformações, o sistema de Educação de Adultos se expandiu de forma considerável, que em certos pontos da ação pedagógica apresenta marcas dessa expansão. A EJA foi criada também, a partir de erros e de inadequação de currículos, métodos e materiais didáticos, persistindo em muitos locais de aprendizagem. Começou a ser tratada a partir dos anos de 1940, passando a ter uma perspectiva diferente sendo considerado um sistema diferenciado e significativo para a educação brasileira, passando a progredir no setor educacional sendo implantadas políticas públicas, no governo de Getúlio Vargas para essa educação.

Através das políticas públicas foi criado o Fundo Nacional de Ensino Primário em 1942, sendo implantados programas destinados à Educação de Adultos, para tentar combater o analfabetismo adulto e infantil. A partir do ano de 1945, Getúlio Vargas foi deposto e começaram as cobranças da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Conforme Haddad; Di Pierro (2000, p. 111), “denunciava o mundo as profundas desigualdades entre os países e alertava para o papel que deveria desempenhar a educação, em especial a educação de adultos no processo de desenvolvimento das ações”. Para atender as necessidades dos analfabetos foram implantadas metas de alfabetização para o desenvolvimento da educação, mas não teve o êxito desejado.

O nível de analfabetismo era tão elevado, que despertou o interesse dos políticos, devido ao fato do Brasil apresentar uma qualidade de ensino muito ruim e não passava despercebido o grande índice de pessoas que não sabiam ler e nem escrever chamou a atenção de muitas pessoas que contribuíram para converter esse quadro de subdesenvolvimento, pois a aprendizagem de qualquer aluno/a era importante. No ano de 1947, surgiu o Serviço de Educação de Adultos (SEA), com o objetivo de criar um curso primário para adultos com profissionais competentes nessa área. “(...) e lançamento fez que houvesse o desejo de atender apelos da UNESCO em favor da educação popular. (...)” (PAIVA, 1987, p. 178). Os apelos feitos chamaram à atenção dos órgãos do governo a respeito do grande índice de analfabetismo no Brasil, sendo um atraso

tanto para a economia e o setor industrial e isto fez com que os órgãos competentes fizessem um levantamento sobre o processo de Educação de Jovens e Adultos.

Diante das exigências da UNESCO, possibilitou a implantação de políticas públicas para a educação de jovens e adultos. No ano de 1947, ninguém estava preocupado com o sujeito, procurando entender o processo de inclusão na aprendizagem profissional. O analfabeto continuava sendo considerado incapaz e um atraso para o desenvolvimento do país. O contínuo crescimento do contingente dos analfabetos gerou interesse dos políticos, dando origem à Campanha da Educação de Adolescentes e Adultos, (CEAA), onde a proposta educacional estava direcionada para a vida trabalhista e a profissionalização do sujeito. O analfabeto era visto de forma preconceituosa tanto pela a sociedade, como por pessoas que eram responsáveis pela organização da companhia,

(...) A criação do Fundo Nacional do Ensino primário em 1942 do Serviço de Educação de Adultos, da Campanha de Educação de Adultos, ambos de 1947, da Campanha de Educação Rural, iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958. (RIBEIRO, 2001, p. 59).

Os organizadores dessa campanha viam os analfabetos de forma diferente, mas no decorrer do desenvolvimento dos trabalhos, mudaram a sua maneira de pensar quanto ao adulto sem escolarização e se tornaram representante da modalidade da EJA, fazendo com que o Estado contribuísse essencialmente para essas mudanças.

(...) a agora a característica do desenvolvimento das potencialidades individuais, e, portanto, como ação de promoção individual, a Educação de Adultos, passa a ser uma condição necessária para que o Brasil se realizasse. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 111).

Diante disso, os autores referem-se a uma condição passando a serem reconhecidos, valorizados, podendo marcar profundamente a Educação de Adultos, que foram beneficiados através de lutas e movimentos populares e reivindicações diretas. Também houve a participação dos movimentos sociais, sindicatos, grupos sociais e diversos outros responsáveis. O que marcou profundamente a EJA fortalecendo as ações educativas, políticas, além de vários programas que era do seu interesse, surgindo uma educação de transformação, proporcionando uma modernização na educação no país.

Uma educação com ações e programas importantes de interesse da EJA, transformando-a para uma modernização cujo processo levaria o sujeito adquirir uma cultura e mudança sociais, nos ideais de Paulo Freire. “(...) antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária (...)”. (CUNHA, 1999, p.12). Mas a partir dos anos 60

aconteceram outras campanhas com visões e propostas diferentes das anteriores para a educação, cuja ideologia era de igualdades para todos.

Sendo essenciais essas campanhas para o povo brasileiro, propostas e programas foram surgindo para melhorias e condições de vida, progredindo para obterem conhecimentos, tornando-se conhecedor de suas ações com relação ao que foi trabalhado. Com apoio político, surgiram campanhas em várias partes do Brasil para melhorar a qualidade de ensino e consequentemente a imagem do Brasil e a qualidade de vida do povo brasileiro.

Para melhorar a qualidade do ensino através de campanhas, surgiu o Plano Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação. Sendo que essas reivindicações se deram através dos interesses políticos que atuaram em diversos lugares do Brasil, dando origem as campanhas de educação para os jovens e os adultos e entre os mais conhecidos, estão: o Movimento de Educação de Base, o Movimento de Cultura Popular de Recife, “De pé no chão também se aprende a ler”, de Natal, entre outros. Paulo Freire foi uma referência para a EJA, para que os alunos/as adquirissem uma aprendizagem de forma consciente, relacionada com o conhecimento do sujeito, por meio de um diálogo surgindo ideias para o processo de alfabetização.

Durante essas campanhas, Freire contribuiu com seu método para alfabetizar em menos tempo as pessoas que precisavam aprender a ler e escrever, de maneira crítica e dialógica. Esse processo de alfabetização passou a ser observada no Plano Nacional de Alfabetização, estabelecendo recursos que fossem desenvolvidos na EJA, dentro do Ministério da Educação, através da luta de movimentos estudantis e também de entidade sindicais obtendo aos poucos resultados, passando ter apoio do governo em que o programa gerou benefícios políticos para uma população analfabeta.

(...) a luta entre os estudantes e intelectuais das diversas orientações político-ideológicas dentro do movimento sindical, por isso foi a visada pelos acordos que resultaram da utilização do método Paulo Freire, entretanto também outros interesses eleitorais começaram a se manifestar e se a refletir no programa (...). (PAIVA, 1987, p. 258).

Nas palavras do autor, a luta dos estudantes foi um ato político, ideológico e emancipatório, que ocorreu como forma de reivindicação dos direitos da classe estudantil, em buscas de mudanças e uma forma de expressar uma prática que beneficiasse os direitos dos cidadãos, principalmente no tocante a educação. Diante disso, os estudantes se uniram contra o Regime Militar (1964), para participar das decisões do país, podendo ter liberdade e uma educação de qualidade, sendo capazes de ocuparem uma posição decidindo o que era melhor para sua vida.

Na Ditadura Militar, muitos programas foram extintos e para que a educação de adultos continuasse a ser atendida, foi preciso ações voltadas para o interesse dos adultos. “(...) fruto do trabalho e realizado por grupo interministerial que buscou uma alternativa ao trabalho da cruzada ABC(...)”. (HADDAD 2000 p 114). A ação básica cristã só permaneceu porque se omitiu afirmando que apoiava o Regime Militar, mas na realidade os trabalhos dessa ação estavam direcionados para a educação de adultos, dando continuidade aos trabalhos educacionais. A tentativa de alfabetizar, não atendeu a demanda, houve muitas reformas nesse programa, mas não atingiu aos objetivos de diminuir o número de analfabetos.

Para suprir a carência dos analfabetos de acordo com a Lei 5.692/71, foi criado o supletivo, para atender às necessidades dos alunos, complementando assim a escolarização e o analfabetismo, dando oportunidade apenas aos que não concluíram seus estudos na idade apropriada. Em sua proposta de trabalho foram feitas transformações a favor do governo.

O ensino supletivo foi apresentado à sociedade como um projeto escola de futuro, elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica, observada pelo país nos anos 70. Não se tratava de uma escola voltada aos interesses de uma determinada classe popular, mas de uma escola e por sua clientela, pois a todos deveriam atender uma dinâmica permanente de atualização. (HADDAD; DI PIERRO 2000. p. 117)

Dando ênfase à citação dos autores, a importância do ensino supletivo, considerado um projeto escola do futuro, surgido nos anos 70, exatamente no período de modernização, onde o setor socioeconômico se encontrava no auge. A sua proposta de trabalho não estava voltada aos interesses da classe popular, mas apenas para atender os objetivos da Ditadura Militar, preparando os/as alunos/as para o mercado de trabalho e a vida social. Apesar de tudo isso, o programa do ensino supletivo foi o responsável pela formação da base dos parâmetros da Educação a Distância, e o início de inovações tecnológicas, iniciando a educação através da TV e rádio, sendo seguido por outros estudiosos e usados em projetos espalhados pelo Brasil.

Na década dos anos 1980, a Ditadura Militar, chega ao fim, mudando totalmente o comportamento da sociedade que passa a ter direito à liberdade de expressão, dando um novo rumo à modalidade da EJA e trabalhando com métodos que possa oferecer uma educação para todos. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), nos anos 80, queria formar uma Educação a Distância, foi substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, o EDUCAR. Apesar de ter uma forma diferente de trabalhar, utilizava o método do MOBRAL, para executar suas atividades.

Dando continuidade as suas atividades, a Fundação EDUCAR desenvolvia seus trabalhos com características do ensino do MOBRAL, mas por falta de apoio do governo também

fracassou descentralizando a EJA, passando a responsabilidade para os Municípios, mas o Estado continuou intervindo nas decisões educacionais. A educação popular volta a percorrer caminhos, continuando a realizar seus trabalhos, tendo acesso aos ambientes universitários, influenciando dessa forma, nos programas públicos e comunitários.

A educação no Brasil começou desde a colonização com os jesuítas e com a reforma pombalina houve a implantação da escola pública, mas não houve muita mudança, a escola era destinada apenas aos filhos dos colonos, a classe menos favorecida não tinha acesso, a escola era desnecessária, pois os trabalhos eram braçais, não havia necessidade dos adultos aprenderem a ler e a escrever, o analfabetismo atingia um grau elevado, o sistema de ensino passou a ser uma preocupação com o início da industrialização, porque era preciso mão de obra barata, mas mesmo assim a educação continuava precária e a partir dos anos 1960, os movimentos populares se intensificaram e sobre a liderança de Paulo Freire foram criadas campanhas de alfabetização de jovens e adultos e expandindo as escolas primárias e durante essas campanhas, Paulo Freire fez um trabalho de uma educação libertadora, alfabetizando em pouco tempo muitos trabalhadores, mas esse trabalho foi extinto pela ditadura militar e mais uma vez, a EJA. fica sem apoio. A educação de jovens e adultos passa a ser valorizada e reconhecida a partir da Lei nº 9394/96 , através do artigo 208.

Depois de muito tempo, com a Constituição de 1988, a educação passou a ser um direito de todos, conforme o artigo 208.

Art. “208- O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de”:
I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (...) § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo (BRASIL, 1998).

Com o artigo supracitado, o Estado garante o ensino fundamental obrigatório e gratuito, principalmente para aqueles que não tiveram direito a uma educação na idade regular. O sistema da EJA se expandiu de uma forma considerável, que em certos pontos da ação pedagógica apresenta marcas que representa essa expansão. O governo Fernando Collor de Melo lançou o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), com o impeachment, Itamar Franco, assume o governo, não dando continuidade aos trabalhos voltados para essa educação e com a Reforma do sistema educacional em 1995 a EJA, não teve nenhum apoio do governo em exercício.

A educação popular que antes estava impedida de realizar seus trabalhos volta a ter liberdade de divulgar suas atividades nos ambientes da universidade, influenciando programas destinados ao público e à comunidade. A EJA conquistou o direito universal a um ensino

fundamental público e gratuito. Em 2008, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) tornou-a reconhecida publicamente. De acordo com o parecer do CNE/CEB nº 11/2000, ela passou a ser outra educação com novos ideais e não mais uma educação responsável em resgatar os ensinamentos que os alunos/as não conseguiram obter no período regular.

Segundo a LDB, de nº 9394/96, a EJA não foi muito beneficiada, mas esse novo modelo de educação passou a ser mais aceito, do que a educação anterior, vários programas passaram a investir em projetos que beneficiasse a alfabetização, sendo criado o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), responsável em contribuir para alfabetização em prol do público jovem e posteriormente do adulto.

É essa alfabetização que passa a valorizar os conhecimentos prévios dos alunos para que eles possam conquistar novos conhecimentos e se conscientizar de seu papel na escola, buscando melhorar sua autoestima, para através de ações aperfeiçoar a sua aprendizagem. Os programas também passaram a dar uma assistência mais concentrada aos alunos/as que trabalhavam duramente e eram vencidos pelo cansaço, impossibilitando-os de acompanhar o funcionamento das aulas, prejudicando assim a sua aprendizagem.

O atendimento a esses alunos/as passou a ser diferenciados para um resultado satisfatório quanto à aprendizagem. Essa proposta para atender o público EJA depende de ações do governo e uma dessas ações ocorreu no Governo Lula, no ano de 2003, sendo criado o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), através do Ministério da Educação, com o Decreto de nº 4834, posteriormente substituído pelo Decreto de nº 6093 de 24 de abril 2007, tendo como finalidade diminuir a taxa do analfabetismo no Brasil. Esse Decreto contribuiu para a universalização do Ensino Fundamental, promovendo apoio a jovens com quinze (15) anos ou mais, adultos e idosos, nos Estados, Distrito Federal e Municípios, tendo a participação de várias secretarias, inclusive a da Secretaria de Educação.

Os Estados, como é o caso da Bahia, lançou o TOPA - Todos pela Alfabetização, sendo assim alfabetizados milhões de baianos e houve um grande progresso na alfabetização, principalmente com a implantação da formação continuada para capacitar profissionais voltados para essa área. Esses programas possibilitaram uma relação profissional e afetiva entre os professores/as e suas turmas, podendo desenvolver um trabalho conforme a realidade do aluno. O Programa Brasil Alfabetizado conquistou um grande progresso na alfabetização nos Estados e Municípios e ainda com formação continuada melhorando a qualificação dos professores/as.

A EJA passou a fazer parte do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico (FUNDEB), beneficiada nas questões básicas, com recursos para esta modalidade, uma

vez que antes não tinha esse direito. A história da educação brasileira foi marcada por movimentos populares que contribuíram para mudanças, uma vez que o povo reivindicava seus direitos quanto a Educação de Jovens e Adultos. Todos lutavam para conseguir seus objetivos e foi através desses movimentos que surgiram novas concepções sociais e pedagógicas, voltadas para essa modalidade.

2.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

No contexto educacional, as Dificuldades de Aprendizagem (DA) surgem por causa de problemas que marcam profundamente o desenvolvimento do sujeito, mas podem ocorrer outros fatores que causam essas dificuldades, sabendo-se que existe também a dificuldade de aprendizagem causada por distúrbios de caráter neurológico, impedindo o sujeito de aprender. Mas essas causas podem estar ligadas a uma disfunção do Sistema Nervoso Central (SNC), que segundo Ciasca (2003, p. 27) trata-se de uma disfunção do SNC, relacionada a uma falha no processo do desenvolvimento humano, tendo portanto, caráter funcional” podendo esta ser à fala, audição leitura escrita habilidades matemáticas e raciocínio.

Quando os/as professores/as desenvolvem uma metodologia, com clareza estabelecendo espaços com atuação centrada na aprendizagem dos/as alunos/as enriquecendo o conhecimento, proporcionando atividades físicas e pessoais, que contribua para a realização dos conhecimentos do/a aluno/a. Desse modo a construção do conhecimento é indispensável na socialização considerando que as influências ocorrem durante o convívio com outras pessoas, fortalecendo a permanência desses/as alunos/as na sala da EJA.

Dando continuidade aos estudos iniciados ou retomados na EJA, ao identificar essas dificuldades os/as professores/as devem observar qual de seus/as alunos/as precisam de um atendimento individual adaptando o currículo as suas necessidades, contemplando conteúdo que eles possam reconhecer superando suas dificuldades nessa modalidade de ensino. Que nas palavras de Paín (1992, p. 28) "[...] no sentido que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos". As dificuldades de aprendizagem envolvem difícil compreensão e entendimento, principalmente quando envolve conteúdo fora do contexto social em que vivem.

Especificar as definições comportamentais do que acontece com os/as alunos/as da EJA podem ser confundidas, considerando que eles/as sejam desatentos, sem futuro ou preguiçosos, mas isso remete em certos casos o despreparo dos professores/as que precisam estar preparados/as para superar as dificuldades dos/as alunos/as. Ainda segundo Paín (1992, p.15),

“[...] se a aprendizagem não é uma estrutura, não resta dúvida de que ela constitui um efeito, e neste sentido é um lugar de articulação de esquemas”. Para identificar os problemas os defensores das teorias propõem uma discussão mais dialética, encontrando soluções para o ensino de forma ideal.

A leitura é um processo pelo o qual o leitor/a procuram obter informações de um determinado acontecimento e através do texto lido é feito uma interpretação pessoal, desenvolvendo o raciocínio crítico e a capacidade de interpretar, fazendo parte da cultura do sujeito, ampliando o vocabulário, sendo capaz de construir um texto, utilizando as palavras adequadas, abordando um assunto, que faz parte do seu conhecimento e com suas próprias ideias, praticando dessa forma o ato da leitura e se apropriando da escrita de forma mais ampla, por meio de influências sociais. Para conseguir esses conhecimentos é preciso se alfabetizar. Quando se fala em alfabetização, trata-se da habilidade de ler e escrever, mas é essencial que a alfabetização seja relacionada com o letramento, porque além de aprender a ler e escrever, os/as alunos/as, estarão ampliando, seus conhecimentos sobre linguagem.

A alfabetização e o letramento são dois processos importantes na vida dos/as alunos/as. As ações são distintas, mais inseparáveis, pois um processo precisa do complemento do outro, porque a medida que o aluno aprende, ele poderá interpretar o que estiver lendo e o uso destes possibilitará a compreensão da leitura de um texto, ter habilidade na escrita e conhecer tudo que se passa a sua volta, se tornando capaz de interpretar as informações contidas na leitura de um texto. Apesar dessas práticas educativas, caminhar juntas, os/as alunos/as devem aprender primeiro a ler, para depois aprender a escrever. Freire (2005, p.79), “(...) ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Para o estudioso, os alunos alfabetizado ou não, chega a escola com sua própria experiência, portanto, o professor não é melhor do que o aluno, ambos aprenderão juntos, havendo uma socialização entre as pessoas, através da sua participação e a partilha da experiência de cada um, havendo uma transformação na educação envolvendo a leitura da realidade dos sujeitos, possibilitando a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. Mas para isso torna-se necessário a mediação do professor, estimulando os alunos a participar de forma reflexiva, buscando os conhecimentos para superar as dificuldades e conseguir atingir a aprendizagem, através da alfabetização e letramento.

O letramento é um processo de inserção e participação na cultura escrita, segundo Kleimam (1995, p.18-19) “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia em contextos específicos (...)” Dessa forma, os dois elementos principais que fazem parte do desenvolvimento

educacional dos/as alunos/as será chamado de práticas sociais e por esse motivo é perceptível que haja o domínio formal tanto da leitura, como da escrita.

A partir do momento que o sujeito é alfabetizado e letrado, ele poderá ter uma maior oportunidade e melhores condições de vida, trilhando caminhos para seu desenvolvimento pessoal e profissional. As pessoas não são consideradas letradas porque elas possuem seus próprios conhecimentos, mas existem pessoas que estudam e sabem decifrar as letras, sentindo dificuldades para fazer uma interpretação de qualquer texto, como também para escrever. Portanto, existem diferentes tipos de letramento ligados às necessidades de qualquer sujeito, atendendo aos critérios de cada ser humano e de uma sociedade.

O letramento não se restringe ao aprendizado automático e repetitivo dos códigos convencionais da leitura e da escrita ensinados tradicionalmente nas escolas, mas denota o trabalho com seus diferentes usos na sociedade, na vida cotidiana. Assim, o letramento não acontece apenas dentro das classes de alfabetização. Ele acontece antes, durante a alfabetização e continua para o resto da vida (SOEK; ARACEMIV; e STOLTZ, 2009, p. 40).

Na discussão das autoras, o letramento não acontece apenas dentro de uma sala de aula, mas em qualquer lugar, na família, na igreja, ou em qualquer parte do mundo, cabe à escola aprimorar e adaptar os conhecimentos envolvendo a leitura e escrita, pois ler e escrever várias palavras não são essenciais para que os/as alunos/as se tornem aptos a escrever e ler muito mais textos e entendê-los.. É importante os/as alunos/as tenham o conhecimento para compreender o texto e interpretar no momento da leitura. Ao ler um texto, torna-se importante saber as informações relacionadas com o/a autor/a, à época e dentre outras metas que leve a um bom entendimento.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: característica do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (PCN, 1997, p.53)

A leitura de um texto não deve ser desprezada pelos/as leitores/as, desde que ajudem aos/as alunos/as compreender o gênero textual ao qual está inserido um determinado texto, até a forma de transmitir a mensagem, através da leitura e escrita, possibilitando a formação do indivíduo. Os jovens e adultos mesmo não frequentando a escola no período regular estão aptos a conviver com diferentes gêneros textuais, como exemplo: propagandas, rótulos, documentos, entre outros. Ao retornar às aulas para iniciar o processo de alfabetização, os jovens trazem o conhecimento adquirido ao longo de sua história de vida no mundo letrado.

Logo, os/as professores/as que trabalham com essa clientela devem procurar conhecer a realidade que o cerca, motivando-os, procurando usar meios para ampliar esses conhecimentos já existentes contribuindo para sua formação. Um professor/a que sempre busca informações precisas, com temas atuais, melhorando o seu nível de ensino, está apto a ficar à frente da EJA, com uma turma de jovens e adultos diversificados e que precisam de apoio para retornar para continuar os estudos.

Os adolescentes e adultos procuram a escola, inicialmente, motivados pelas expectativas de conseguir um emprego melhor, ou então são levados pelo desejo de elevação da autoestima, da independência e da melhoria de sua vida pessoal, como por exemplo, dar bons exemplos aos filhos, ajudá-los em suas tarefas escolares etc. Em síntese, pode-se inferir que o maior motivo da procura da escola é a necessidade de fixação de sua necessidade como ser humano e ser social. (LEMOS, 1999, p.25).

Nas palavras da autora, esses/as alunos/as ao retornarem à escola, pretendem atingir suas expectativas, podendo enfim, conseguir um certificado de conclusão para poder ocupar uma vaga de emprego, melhorando suas condições de vida. Por esse motivo, os/as professores/as devem respeitar e valorizar o interesse desses/as alunos/as ajudando em sua capacitação, através de uma discussão para reflexão durante o desenvolvimento do tema em estudo. Para Freire (1996, p.22), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção”. A educação dos/as alunos/as depende muito da forma que os/as professores/as trabalham, tornando a aula mais participativa com troca de ideias facilitando a interação e a reflexão de qualquer tema com a participação dos/as alunos/as.

Ao fazer uma leitura com os/as alunos/as, se pensam logo em jornais, livros, encartes entre tantos outros, apenas para decodificação de letras. Mas será que realmente se trata disso? Não é apenas decodificar as letras e palavras, mas é preciso que os/as professores/as além das experiências e conhecimentos já existentes dos/as alunos/as, para que a compreensão ocorra com maior facilidade para uma aprendizagem mais complexa. Quando os/as alunos/as fazem uma leitura, adquirem novos conhecimentos, ampliando as informações, havendo troca de experiências e interações entre os/as presentes. Ao lidar com textos, há um contato com outras culturas e outros pensamentos, já que a EJA é constituída de forma heterogênea.

A partir da leitura que envolve outras culturas, se desenvolve a capacidade verbal, tendo contato com a fala, conhecendo a utilidade da mesma. A leitura está presente em todas as áreas e em todos os níveis de ensino e é fundamental nas turmas da EJA, em que os/as alunos/as considerados excluídos do ensino normal voltam à sala de aula para sua certificação básica, podendo conseguir almejar várias expectativas na vida. A maioria da população não aprecia a leitura de um bom texto, não pratica, mesmo sabendo ler e esse é um dos grandes desafios

enfrentados pelos/as professores/as, principalmente numa turma de geração nova que não gosta de ler, assim como os jovens e adultos que se sentem fracassados desde as séries iniciais.

A constatação de um fracasso generalizado com relação ao ensino de leitura na escola é, entretanto, inegável. Por isso, é urgente para nós todos, professores de jovens e adultos, entendemos que a leitura deve significar uma possibilidade real da inserção dos nossos alunos no mundo da informação e consequente conhecimento para um efetivo da cidadania, pois a possibilidade de intervenção na realidade se faz pelo o domínio que a condição de leitor oferece aos sujeitos. (MATTA, 2009, p.70).

Para o autor, o fracasso do sujeito faz parte das séries iniciais até hoje e tem sido discutido nas salas de aula para haver uma transformação, com outra visão sobre o uso indispensável da leitura. Através dela os/as alunos/as poderão se tornar competentes, compreendendo além da escrita, ao identificar elementos que não estão bem claros na leitura de um texto, estabelecendo relações entre o que está sendo lido, entre tantos outros que já foram lidos anteriormente, conscientizando-se de que um texto pode apresentar várias interpretações. Ler é uma tarefa difícil, exigindo habilidade para uma prática diária envolvendo vários tipos de leitura. A prática da leitura é essencial na construção e legalidade das identidades sociais, fazendo com que o sujeito se posicione de forma crítica quando surgir alguma situação de mudança.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2001, p. 21).

Concordando com o pensamento do autor, as classes podem mudar em uma sociedade que tem características diferentes onde os indivíduos constroem sua identidade, mas são vistos de forma desigual, precisando ser compreendidos e respeitados por meio de uma explicação podendo ser incentivados além de apoiá-los no momento de questionamento sobre essas diferenças que ocorrem no meio social. (SILVA 2011 p.92), “A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença”.

Para o autor, a contribuição da educação no que diz respeito ao pensamento crítico, irá desenvolver nos alunos/as a capacidade de pensar numa educação de qualidades, para isso, os/as professores/as devem melhorar a qualidade de ensino, transformando o processo de aquisição dos sistemas de leitura em algo interessante e desafiador. Para isso, os professores/as devem escolher textos que possa impressionar até aqueles/as alunos/as que não se interessam pela leitura, ficando motivados a sentir gosto e prazer para ler e escrever, a partir do momento

em que o mediador/a da sala de aula usa metodologias apropriadas para seus/as alunos/as. Geralmente a leitura de um determinado tema deve ser polêmica, porque torna a aula mais debatida e os/as alunos/as podem exercitar sua capacidade de raciocínio tendo uma visão do tema em debate.

Para ler, o aluno precisa de informações para refletir. O desenvolvimento de estratégias de leitura pode ser estimulado de diversos modos. Um deles é fornecendo pistas para antecipar o que está escrito. Para tal, pode-se utilizar o texto com imagens. Esse texto pode ser constituído de jornais, revistas, livros ilustrados, cartazes. O professor mostra uma foto de um estádio de futebol cheio e pergunta: “O que pensam que está escrito aqui”? (SCHWARTZ, 2012, p.156)

Entende-se que, nas palavras da autora, as informações sobre leitura são muito importantes para que os/as alunos/as possam fazer suas reflexões de forma consciente e precisa. Várias são as fontes que os/as professores/as poderão fornecer para que os/as jovens possam pensar e questionarem sempre que for necessário para enriquecer a interpretação, havendo uma compreensão usando estratégias apropriadas para os jovens.

A compreensão dos processos de socialização contemporânea dos jovens podem contribuir para o diálogo intergeracional no cotidiano escolar. Parto do princípio de que muitos dos problemas que os educadores enfrentam, mas muitas salas de aula e espaços escolares deste país como os jovens alunos têm origem em incompreensões sobre contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos. Dito de outra forma torna-se cada vez mais improvável que consigamos compreender os processos sociais educativos escolares se não nos apropriarmos dos processos mais amplos de socialização. (CARRANO, 2008, p.114)

Nos escritos do autor, o processo de socialização, pode ocorrer uma apropriação dos textos em estudo de forma compreensiva, a interação dos conteúdos ocorre através do diálogo, com aulas participativas e agradáveis, com questionamentos dos/as alunos/as. Mas durante o desenvolvimento das aulas, se não houver uma apropriação dos conteúdos de forma sociável, não haverá um entendimento mais claro, do assunto em estudo, provocando entre os presentes uma falta de interesse, pela aprendizagem. Torna-se essencial pesquisar o meio social e a forma como essas pessoas convivem, pois a partir do momento em que os/as professores/as procuram conhecer a origem, a história de vida e tudo que faz parte do cotidiano desses/as alunos/as, podem selecionar as atividades necessárias, atendendo os interesses dos/as mesmos/as, provocando debates e compartilhando os conhecimentos.

E esses conhecimentos possibilitam o enriquecimento das aulas e possivelmente o acompanhamento das mudanças de acordo com a forma de pensar e agir, levando em consideração a identidade de cada um, proporcionando ensinamentos que facilitem a aprendizagem, essencialmente com relação à cultura, que vão sendo construídas ao longo do

tempo, havendo sempre uma mudança na maneira de viver, portanto o sujeito apresenta muitas faces e por isso os/as professores/as têm que dispor de meios e levar em consideração essas identidades e elaborar um projeto de ensino que facilite a aprendizagem desses/as alunos/as, envolvendo diversas fontes de leitura, despertando o interesse de cada aluno/a para ler e escrever.

2.2 JOVENS E ADULTOS E SUAS DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é definida como o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira adequada, sendo usada como um código de comunicação com o seu meio.

O método de alfabetização para a EJA requer habilidades e atitudes por parte dos/as professores/as, para com esses alunos que já trazem consigo conhecimentos e experiências ao longo de sua vida, aprender a ler e escrever, quando já estão numa idade adulta, necessitando de orientações para desenvolver a leitura e escrita. A alfabetização é um processo de apropriação do código alfabético e em seguida o processo de letramento, procurando familiarizar o aprendiz com diversos usos sociais envolvendo a leitura e escrita.

Alfabetizar através da leitura, de uma forma mais aperfeiçoada, como: interpretação de texto literário, debates de tema atualizados, execução de filmes, letras de música, visita à biblioteca entre outros, num processo em que as crianças, jovens e adultos tenham contatos construindo e reconstruindo hipóteses através da leitura melhorando a escrita mesmo errando, mas conseguindo compreender o código escrito.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidade para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, assim, ao âmbito do individual. (TFOUNI, 2002, p.9).

A alfabetização é considerada um processo de escolarização devendo ocorrer de forma individualizada, mesmo porque a sociedade passa por muitas transformações e o/a aluno/a tem que estar preparado para acompanhar as mudanças. A utilização individual envolve a leitura, à escrita e as práticas de linguagem do sujeito, para que os mesmos consigam essas habilidades para se alfabetizar. A prática da leitura e escrita é necessária para que os alunos se apropriem de codificação e decodificação.

Os conhecimentos transmitidos devem ser organizados de forma sistemática quando for aplicar qualquer atividade inclusive texto. Não adianta distribuir um texto para desenvolver na

sala de aula de forma aleatória, mas eles devem ser preparados de forma contextualizada e fundamentada no conhecimento do aluno/a. O letramento apesar de ser trabalhado ligado à alfabetização, cada um tem sua diferença tendo como um processo social e não está direcionado de forma individual, ele se expande além do ato da leitura e escrita, produzindo textos que nas palavras de Tfouni.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição da escrita, entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escrita de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social. (TFOUNI, 2002, p. 9).

Na ideia da autora, o letramento precisa ser desenvolvido dentro da diversidade de prática de leitura e da escrita, dando a capacidade ao aluno utilizá-los para solucionar os problemas, usando em seu próprio benefício facilitando suas práticas sociais. As escolas formadas pela a equipe de professores/as devem proporcionar aos alunos/as a leitura e escrita fazendo-as compreender a importância dos textos utilizados seus exemplos através do código escrito, escrever pequenos textos, distinguir uma data no calendário, especificar receita de doce, cuidar de suas finanças, fazer uma leitura para outras pessoas, dando exemplos que todos podem adquirir uma função social. Ao adquirir o conhecimento ele será considerado alfabetizado e letrado. Apesar da alfabetização e letramento apresentar diferenças distintas eles são trabalhados em conjunto, porque um complementa o outro.

Assim, teríamos alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não indispensáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2001, p. 4).

Segundo a autora, o importante seria alfabetizar letrando, pois não se deve ensinar a alfabetização separada do letramento, porque ambos se completam. No ato de alfabetizar, o professor/a precisa estabelecer um diálogo entre ele e o aluno/a, para que os jovens e adultos possam expor suas experiências, suas atitudes e a necessidade de aprender. Para isso o/a professor/a deve valorizá-los, uma vez que a expressão oral contribui com o progresso da linguagem e o desenvolvimento da aprendizagem.

Interpretar e dominar o código da escrita possibilita uma aprendizagem da leitura mais abrangente, isso significa que é preciso ser crítico na leitura, pois os conceitos de alfabetização e letramento se misturam, e geralmente são confundidos, mas alfabetizar e letrar apresentam conceitos distintos, pois alfabetizar é ensinar o código alfabético, enquanto letrar vai mais além, ensinando diversos tipos de gêneros, envolvendo a leitura e escrita.

A questão fundamental no processo de alfabetização é a compreensão da estrutura dos códigos com a representação da língua e não como uma representação gráfica, ou seja, não é a escrita que significa o que queremos dizer, é sim o que entendemos e representamos que simbolizamos através do sistema alfabético. Nesse processo o professor/a deve usar métodos diferenciados trabalhando tanto a alfabetização quanto o letramento, sem esquecer que os dois se completam.

Nas palavras de Soares (2003), a alfabetização e letramento em discussão se destacam muitas vezes porque se ensina de forma errada por muito tempo, ao passo que se alfabetiza primeiro e depois é passado o processo do letramento. Mesmo sendo diferentes os dois podem ser desenvolvidos ao mesmo tempo, ela destaca que “esse é um engano sério, porque as duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra”. Ela continua defendendo que “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, não deve ser diluída no processo de letramento”. Com habilidades em que as pessoas fazem através da leitura e escrita sendo relacionado às suas necessidades no contexto social.

Vale também destacar a importância da motivação destes alunos/as, já que cada um aprende de modo diferente, mas ao compartilhar o conhecimento no meio social, de acordo com as necessidades de cada um, surgem às possibilidades de compreender as diferenças ocorridas, despertando o interesse pelos os livros encartes, jornais ou internet, mas é bem provável que outros não tenham acesso a essa tecnologia, demonstrando dificuldades de dominar e manusear por falta de entendimento. Mas é preciso ficar atentos a esses alunos/as, tornando indispensável à relação com o meio ambiente que envolve sua vida, tendo uma percepção da linguagem entendendo a leitura e escrita fazendo-se necessária no presente e não deixando para um futuro próximo.

O letramento é o processo de aprendizado que ocorre a partir da convivência entre os/as professores/as e os/as alunos/as, com materiais disponíveis para realizar as atividades, dando oportunidade aos alunos/as de aprender, através de sua participação, podendo buscar à apropriação dos conhecimentos através da alfabetização. Para formar leitores e escritores é preciso que os/as professores/as desenvolvam as alternativas apropriadas para que os/as alunos/as possam explorar o seu próprio conhecimento, participando e questionando acerca de temas importantes que os levem a ler e escrever, além de interpretar as partes principais do texto.

2.3 DIFICULDADES DE APREDIZAGEM DA ESCRITA

O homem pela necessidade de registrar importantes fatos históricos da humanidade, considerada uma das grandes invenções usada para transmitir conhecimentos, registrar dados importantes que fazem parte da vida e da evolução humana, servindo como delimitação entre a pré-história e a História. Os primeiros registros mais antigos ocorreram no período de 1500 a. C, tendo origem na Mesopotâmia, pois era usada para fazer anotações de propriedades, dívidas e impostos. Inicialmente formadas por ideogramas, sistemas de escrita de várias civilizações antiga. Logo os ideogramas eram impressos no barro com um pedaço de junco, cuja extremidade tinha forma triangular. Devido a seus traços em forma de cunha, a escrita recebeu o nome de cuneiforme (do latim *Cuneus* que significa cunha).

A escrita egípcia era formada pelos hieróglifos (ideogramas), serviam para registrar fatos importantes. Tanto os egípcios, como os mesopotâmios começaram a usar ideogramas como sílabas. Essa escrita era representada por pictóricos, usando objetos e ideias para resgatar a história. Na segunda fase, ocorreu a adoção da fonética, representando os sons. O sistema de escrita foi evoluindo e os egípcios inventaram o papiro, ficando a escrita hieróglifos mudando para um sistema com maior rapidez. Nessa fase não se usava muito os signos para exprimir as ideias de um idioma.

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação. (BARBOSA, 2013, P.34) .

No período de 3000 a. C, nasce a escrita hierática, base do sistema ocidental e a partir de 1000 a. C., os fenícios, tomando como base elementos que faziam parte da escrita egípcia e mesopotâmica, cria sua própria escrita, que não possuía vogais, somente consoantes, possuindo cada qual seu símbolo respectivo. Esse sistema tinha uma vantagem de poder ser escrito com maior rapidez e as palavras eram entendidas apenas através das frases. A partir de 600 a. C, os gregos também absorvem a escrita fenícia, corrigindo o que os fenícios deixaram de incluir, ou seja, a falta das vogais, dando origem assim ao alfabeto, utilizado na cultura ocidental. A escrita árabe, bastante utilizado também foi baseada no sistema fenício, introduzindo também as vogais, o sistema chinês de escrita experimentou um desenvolvimento parecido com o dos hieróglifos egípcios. Diante disso, os fenícios contribuíram para todos os alfabetos atuais em Biblos.

Toda essa transformação, a escrita passou a ser denominada alfabética, se expandindo pelo Egito e atravessando as colônias fenícias fundadas no Chipre e no Norte da África e do

Egito, e se espalhando também pelas regiões que não tinha nenhuma influência dos fenícios. A evolução do alfabeto fenício se expandiu rapidamente devido a sua simplicidade, por volta do século XV, a. de C, constituído por 22 signos e aproximadamente no século VIII antes de Cristo, passou a ser adotado pelos gregos, sendo introduzidos alguns sons vocálicos, dando origem ao alfabeto etrusco que juntamente com o alfabeto gótico utilizado durante à idade média, originou o alfabeto latino, dominando dessa forma, o mundo Ocidental, com a expansão do Império Romano, tornou-se necessário o uso da escrita, para que o homem registrasse o estoque de alimentos e o número de animais.

A escrita, com o tempo foi usada também para registrar os dias dos anos, que até hoje vigora por todo o mundo. Os fatos importantes de nossa História também foram registrados, com proclamações governamentais, grandes batalhas travadas. A escrita é essencial para o desenvolvimento da sociedade a pessoa se apropria dela quando consegue aprender a ler. Ela faz parte do dia a dia da pessoa, considerando uma técnica essencial para a própria sobrevivência no mundo atual. Através da escrita o sujeito adquire a sua ascensão.

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letamentos, mais que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Nesse sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtude que lhe são imanentes, mas pela a forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo gera. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2010, p. 16-17).

Segundo o autor, quando o/a professor/as parte para ensinar a escrita, deve seguir as características de um gênero textual, possibilitando ao aluno/a benefícios sociais e intelectuais e o domínio dela ocorre durante a alfabetização. Tendo início na primeira fase alfabética e ortográfica e em seguida pode proporcionar aos estudantes da EJA, diversos textos, favorecendo aos mesmos obtendo êxito na escrita, com temas apropriados para essa modalidade. As informações devem ser precisas, porque quando o mesmo é direcionado a outra pessoa a ler, a literatura precisa ser apropriada.

Os alunos devem ser levados a escrever texto que correspondam aos diferentes usos sociais da escrita. Para isso, deve-se ter cuidado com as tradicionais práticas da redação escolar, pois cada jeito de escrever determinado texto ganha sentido e se justifica porque respondem a uma diferente função interativa. Ou seja, só se escreve bem um texto quando se sabe a função que ele vai cumprir na sociedade. (MATTA, 2009, p. 13)

Para a autora, é essa sociedade que se completam na escola, porque uma depende da outra, tornando o ambiente sociável discutindo temas que chame a atenção do público e

principalmente dos alunos da EJA, que apesar de não saber ler, mas tem conhecimento da escrita e os docentes procuram aplicar práticas voltadas para os interesses dos alunos/as que voltam à escola para melhor adquirir seus conhecimentos suprimindo suas expectativas. Apesar de não serem alfabetizados, os mesmos têm experiência de vida, sabem e conhecem as palavras.

Os alfabetizando jovens e adultos, por mais que não tenham frequentado a escola regular, convivem no meio social com diferentes tipos de escrita, tais como documentos, propagandas rótulos, e etc., Além disso, ao iniciar o processo de alfabetização já trazem consigo diferentes hipóteses sobre o mundo letrado, função da leitura e da escrita, assim como toda experiência com a oralidade. (SOEK, ARACEMYV E STOLTZ, 2009, p.41).

Ao encontro das palavras das autoras, os alfabetizando jovens e adultos mesmo não sabendo escrever, estão constantemente envolvidos com a escrita oralmente, sendo uma prática de difícil compreensão para eles, é essencial que sejam incentivados a praticá-la. Mesmo existindo locais que não exigem o uso da escrita em algumas funções, torna-se necessário a elaboração de programas de alfabetização para adultos que possam suprir suas necessidades de acordo com o que seu trabalho determina, e os mesmos possam participar ativamente de textos produzindo sua própria redação.

Então, ler e escrever são muito mais que dominar as técnicas literárias, é obter as chaves desse mundo interior, de nossa verdade, tendo acesso a dos outros. Uma forma de ajudar a perceber, compreender e elaborar sua própria subjetividade contribuindo para dar sentido ao mundo, a nós próprios e aos outros. Claro que existem outras formas de fazer isso, principalmente nas culturas orais, mas na cultura letrada, ler e escrever são fundamentais para ser e sentir-se adequadamente inseridos no mundo.

2.4 O NÚMERO DE JOVENS PRESENTES NA SALA DE AULA

O jovem e o adulto possuem sua própria história, com experiência adquirida ao longo de sua vida, tendo que retornar a escola, depois de tanto tempo sem estudar, com a finalidade de melhorar sua qualidade de vida, uma vez que eles precisam se capacitar para conseguir uma posição no meio social.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e o adulto analfabeto são fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...]. (GADOTTI 2008, p.31).

Segundo o autor, os jovens e os adultos são trabalhadores que não concluíram ou deram continuidade aos seus estudos, possuem realidades diferentes quanto à vida social, enfrentando dificuldades por não serem letrados, sendo estigmatizados pela sociedade da qual faz parte, apresentando um saber popular adquirido no seu cotidiano e nas ruas, sendo um problema quando chega à sala de aula, enfrentando os desafios do conhecimento elaborado pela escola confrontando com os seus, que em certos casos, esses conhecimento às vezes não é reconhecido e nem valorizado pelo próprio aluno/a e professor/a e os demais que fazem parte da sociedade.

E é nessa sociedade, que eles se sentem oprimidos, mas mesmo assim a maioria dos alunos/as que retornam as salas de aula, pela segunda vez, enfrentando uma realidade totalmente diferente da que ele esperava, têm a perspectiva de continuar seus estudos e vencer o desafio do fracasso escolar que tanto o acompanhou durante o tempo de criança e hoje é considerado um pesadelo na vida dessas pessoas que precisam estudar para conseguir mudar o rumo de sua vida.

Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que felicidade. (WERNECK, 1999, p.23).

Nas palavras do autor, o ensino atual da EJA é diferenciado do ensino regular, logo esses alunos/as não assimilam rapidamente a aprendizagem devido ao apresentar problemas neurológicos, além de diversos fatores envolvendo a cultura, o meio social e o ambiente do qual faz parte enquanto as crianças no ensino regular por meio do seu desenvolvimento cognitivo têm a capacidade de absorver naturalmente os conhecimentos.

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multimensal que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade. (SCOZ, 1994, p. 22)

Trazendo para a discussão da autora, a sociedade exige mudança e a maioria dos/as jovens e adultos tem apresentado um desenvolvimento educacional muito defasado e para superar essas dificuldades, principalmente no que se refere ao fator autoestima sendo dominado pela aprendizagem formal, cumprindo regras da opressão, mas precisam se libertar, buscando por uma prática que os ajude a se libertar, adquirindo conhecimentos que os levem a necessidade de aprender diante das circunstâncias e desafios dentro e fora da sala de aula, lutando e vencendo as dificuldades e desânimos surgidos, buscando melhorias para facilitar sua vida, mas o professor/a pode desenvolver ações, no exercício de sua prática transformando o

contexto histórico desses alunos/as, utilizando meios que possam facilitar a aprendizagem e sua permanência na escola.

Quando a escola e o/a professor/a iniciam o trabalho na EJA, enfrentam muitos desafios, porque os conteúdos trabalhados precisam de uma diferenciação da educação desenvolvida para as crianças ou adolescentes pertencentes ao ensino regular. Nesse sentido, o professor voltado para trabalhar com esta modalidade de ensino, já que não possui uma formação direcionada para essa educação, precisa estar preparado para atender as necessidades desses alunos/as, fazendo um levantamento de dados da realidade dos mesmos, analisando seus próprios conhecimentos.

Fazendo compreender o que não sabem diante da proposta curricular, facilitando a compreensão da palavra recuperando o tempo perdido quando iniciou os estudos tardiamente. Mesmo com uma idade avançada, não importa o tempo que passou fora da escola, mas nunca é tarde para voltar a estudar e enfrentar os obstáculos que surgem no processo da aprendizagem, superando as dificuldades nos momentos de cansaço, sendo uma das consequências em certos casos, pelo o fracasso de aprender a ler, escrever e interpretar um texto corretamente.

2.5 DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DA EJA

É desafiador o trabalho do/a professor/a envolvendo diversas questões no exercício de sua função para a educação sejam no ensino da Educação Infantil, para adolescentes ou no ensino regular. O/a professor/a precisa buscar na teoria para desenvolver na prática ajudando aos/a alunos/as que precisam de uma aprendizagem complexa num processo contínuo, ao ensinar para uma turma da EJA, talvez encontre dificuldades, se ele não estiver preparado para enfrentar esta modalidade de ensino tratando de um grupo de adolescentes, adultos ou idosos, por se tratar de uma realidade diferente do ensino na Educação Infantil, Fundamental e Médio.

As dificuldades enfrentadas pelo/a professor/a da EJA são desafiadoras por se tratar de uma clientela diversificada de alunos/as, que precisam aperfeiçoar seus conhecimentos tendo a capacidade de enfrentar as dificuldades superando os obstáculos do ensino, mas que este não seja tão formal, diante de suas expectativas adquirindo confiança na proposta do professor/a atendendo suas necessidades melhorando a capacidade moral e intelectual.

Supõe que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos. Trata-se sempre de aprender junto, instituindo o ambiente de uma obra comum, participativa. A experiência do aluno será sempre valorizada, inclusive a relação natural hermenêutica de conhecer a partir do conhecido. O que se aprende na escola deve aparecer na vida. (DEMO, 2002, p. 17)

Na visão do autor, durante a realização do seu trabalho em sala de aula, o/a professor/a enfrenta inúmeras dificuldades, mas uma que merece destaque trata-se da bagagem cultural que faz parte da vida do aluno/a e por ter que cumprir uma carga horária determinada pelo projeto elaborado para trabalhar as disciplinas curriculares, passa despercebida a importância do relacionamento afetivo entre o/a professor/a e o/a aluno/a, sendo importante haver um clima de harmonia, amizade, confiança, proporcionando uma interação entre ambos incentivando-os a querer superar os desafios da aprendizagem possibilitando sua permanência na sala de aula facilitando o convívio social.

E para superar os desafios, a educação da EJA precisa de uma prática pedagógica voltada para o interesse dos alunos/as valorizando o censo crítico e emancipatório, fazendo com que o currículo esteja voltado aos interesses dos jovens e adultos, mas que não seja fundamentado no ensino infantil, onde eles possam aperfeiçoar sua experiência de vida em todos os setores. Pois para que seja utilizado um método de uma educação de qualidade, torna-se necessário proporcionar aos alunos a oportunidade de poder questionar, sobre alguns conteúdos de importância para o seu crescimento. E a ausência dessa forma de educar impede a qualidade educacional.

Ao focalizar a escolaridade não realizada ou interrompida no passado, o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural (PIERRO, 2005, s/p).

Na concepção da autora, a escolaridade uma das dificuldades presente, se refere à contradição existente entre aprendizagem e a permanência na escola, sendo exigido que o/a aluno/a saiba ler e escrever, sem ter nenhum apoio educacional em que ele seja educado para uma profissão de acordo com as exigências do mercado padrão. À medida que o trabalhador se capacita ele estará apto a competir igualmente com outros profissionais que são alfabetizados e letrados acompanhando a evolução tecnológica.

[...], o progresso científico e tecnológico e a transformação dos processos de produção resultante da busca de uma maior competitividade fazem com que os saberes e as competências adquiridos, na formação inicial, tornem-se, rapidamente obsoletos e exijam o desenvolvimento da formação profissional permanente (DELORS, 2001, s/p).

No pensamento do autor, a evolução do mundo exige que o/a aluno/a busquem novos conhecimentos para poder enfrentar os desafios que surgem diante do desenvolvimento intelectual e profissional, voltando à escola com a finalidade de que seja atendida as suas

expectativas dentro da sociedade da qual faz parte. Segundo Delors (2001, p.103), “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”. E são esses saberes que superam as dificuldades ao retornar a escola para puderem avançar em seus conhecimentos entendendo que através do diálogo, podem chegar

O conhecimento é o movimento da síncrese (sensorial-concreto), passando pela análise (abstração), chegando à síntese (o concreto-pensado, um novo concreto mais elaborado). A atividade analítico-sintética é indispensável ao avanço do conhecimento. A análise é a separação dos elementos particulares de um todo. A síntese é a reunificação dos elementos analisados. (FERREIRA, 1990, p. 51).

Segundo a autora, esses elementos aplicados pelo/a professor/a ocorrem de forma errônea, já que é transmitida mecanicamente sem dar condições ao aluno/a fazer uma reflexão do que realmente está lendo, principalmente porque a metodologia não está atendendo as necessidades do aluno/a, além da ausência de um material que possa servir de apoio pedagógico transformando a educação de forma consciente fazendo com o/a professor/a, se aproprie de práticas inovadoras e partindo de questionamento quanto ao uso dos teóricos elaborando de forma competente, partindo das necessidades que fazem parte do problema aquilo que é necessário, discutindo e conhecendo o tema estudado transformando o conhecimento.

2.6 O CICLO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ao se pensar em formar uma escola em ciclos significa construir uma escola bem diferente da qual existia antes, podendo ser introduzidas questões contemporâneas, mudando a maneira de aplicar as aulas, repensar como seria os currículos, o profissional da educação, reformar enfim toda a escola, os conteúdos a serem aplicados, além de outras coisas existentes na instituição de ensino. Quanto à metodologia, teriam que estar de acordo com a realidade do aluno/a. Além disso, seria importante pensar também na forma de avaliar. Então vem a pergunta esta escola em ciclos hoje é realmente uma escola construída pensando em aplicar questões atuais voltadas para os interesses da clientela. Segundo as palavras da autora, que afirma o seguinte:

[...] pensar em uma escola em ciclos significa, do meu ponto de vista, pensar em uma escola diferente da que hoje conhecemos. Uma escola possível. Defendo a tese de que, provavelmente a escola em ciclos é hoje uma escola necessária e transitória para uma escola que estamos construindo, que seja mais coerente com nossas questões contemporâneas. Uma escola que precisa reformar ressignificar seus tempos, espaços, sua gestão, sua concepção de conhecimento escolar, sua concepção de ensino aprendizagem, incluindo aí, a avaliação escolar. (FERNANDES 2007, p. 95)

Nesse sentido, segundo a autora, será que realmente a escola em ciclos é a solução para todos os problemas que surgem na escola, principalmente para diminuir o fracasso escolar e o índice de analfabetos, atendendo os interesses dos alunos/as, ou será que não atingirá os objetivos desejados. A palavra ciclo poderá ter várias interpretações dependendo da forma como vai ser utilizada, por assumir vários significados e por isso é chamada de polissêmica e conforme as palavras, Freitas apresenta as seguintes formas:

Ciclos de formação, progressão continuada, avaliação, promoção automática, reforço, programas de aceleração (...). Sob eles, há uma intrincada rede de relações, posturas políticas, práticas e concepções que transitam de forma encoberta. (FREITAS, 2003 p.13)

Segundo Freitas, os ciclos escolares passam por alguns ensaios de experiência, correspondendo à intenção de controlar o fluxo do aluno durante seu período na escola eliminando ou limitando a repetência, durante a sua escolarização. A proposta referente à leitura redefiniu problemas mais urgentes da época, envolvendo a ideia pedagógica que dominava o contexto educacional. Apesar das mudanças na educação, os desafios de fazer o aluno permanecer na escola e a garantia da aprendizagem sempre acontecerão. Assim,

Os ciclos compreendem períodos de escolarização que ultrapassam as séries anuais, organizados em blocos cuja duração varia, podendo atingir até a totalidade de anos prevista para um determinado nível de ensino. Eles representam uma tentativa de superar a excessiva fragmentação do currículo que decorre do regime seriado durante o processo de escolarização. A ordenação do tempo escolar se faz em torno de unidades maiores e mais flexíveis, de forma a favorecer o trabalho com clientelas de diferentes procedências e estilos de aprendizagem, procurando assegurar que o professor e a escola não percam de vista as exigências de educação postas para o período. (BARRETO e MITRULIS 2001, p.103)

Nas palavras das autoras, o ciclo escolar proposto pelos Estados, principalmente a partir dos anos 60, tem como finalidade regularizar o fluxo de alunos ao longo do desenvolvimento escolar, tentando eliminar ou colocar limite no grande número de repetente. A proposta imposta redefiniu o problema do seu jeito, em face dos acontecimentos sociais da época. O ciclo representa uma possibilidade para organizar tanto o tempo, como o currículo escolar, podendo valorizar a obtenção de conhecimentos que na lógica seriada não deveriam ter alteração e nem ser rompidos em sua sequência e linearidade. Essa organização curricular, nos ciclos, teria que atender o interesse e o significado de temas que possam atender as necessidades dos alunos obedecendo ao horário com rigor cumprindo as atividades escolares, de acordo com as dificuldades existente na sala de aula. Verifica-se que devido ao horário determinado pela escola, os alunos/as da EJA, não poderá cumprir, porque não têm a disponibilidade de assistir

às aulas, todos os dias, em virtude de haver choque de horário, fazendo com que o aluno não possa acompanhar as atividades todos os dias, prejudicando sua aprendizagem.

Passa a ser o horário, e o completar o horário, aquilo que tem prioridade. [...] A conclusão da tarefa é o que conta. Verifica-se por isso uma grande ênfase na programação rigorosa, permitindo criar um programa metódico, por exemplo, que possibilite a serialização daquilo que é urgente e daquilo que pode ficar para depois. (PINTO, 2001 p.22)

Conforme o autor, na educação seriada, a programação é bastante rígida e procura selecionar primeiro as tarefas mais urgentes, deixando as menos necessárias para segundo plano. A organização da escolaridade em série, contribui para o fracasso escolar, quando a aprendizagem ocorre de forma diferenciada, em tempos distintos, Fernandes (2010), afirma que os limites da escola seriada “justifica-se que a estruturação da escolaridade em séries concorre para o fracasso escolar sob o argumento de que a aprendizagem ocorre de forma diferenciada e em tempos distintos entre os sujeitos”. Geralmente os professores estão preocupados em repassar os conteúdos, uma vez que o tempo para trabalhar todo o programa fica mais difícil quando se quer trabalhar, um tema mais especial.

A adoção dos ciclos está associada à prática da avaliação, procurando usar uma lógica que supere a quantificação dos conhecimentos e a reprovação dos alunos. Sempre acontece a reprovação por décimos. Essas reprovações em que os alunos faltam alguns décimos para completar a média e não conseguem atingir o esperado, fazem parte da prática educativa dos professores/as no seu dia a dia, mas esses exemplos que envolvem a oposição entre série e ciclos, não são compreendidos ainda por muitos professores, ocasionando problemas no cotidiano escolar.

A organização da educação básica incluindo a EJA, poderá ser organizada de diferentes maneiras conforme a LDB 9394/1996, e o artigo citado.

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

A educação básica poderá ser organizada de acordo com as séries anuais, além de outros fatores já citados acima, a partir do momento em que a aprendizagem recomendar e necessitar. A EJA será destinada a um público que não pode estudar ou continuar dando prosseguimento a sua vida escolar no ensino fundamental e médio, na idade apropriada, conforme o artigo 37 em seus parágrafos § 1º § 2º, no parágrafo § 3º A Educação de Jovens e Adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008). Já no artigo 38, mantem-se cursos e exames supletivos, além dos

incisos I, que foi especificado, a idade apropriada a partir de quinze (15) anos para o ensino fundamental. O inciso II que determina a idade da conclusão do ensino médio para os maiores de 18 anos. § 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A EJA passou por muitas lutas e transformações e sua história teve avanços e também retrocessos. A maioria dos professores/as sonhavam com uma educação mais humanitária e transformadora em que pudessem superar as dificuldades que envolvessem o meio escolar. A educação brasileira apresentava alguns desafios que o acompanhavam ao longo do tempo, alguns disfarçados mesmo com aparência e aspectos diferentes apresentando o fracasso escolar e os processos avaliativos excludentes como causam do atraso escolar. E esse atraso é proveniente da produção cultural do próprio aluno/a refletindo e sua reprovação, mas isso não impede a aprendizagem do mesmo acreditando que esse fracasso possa ser eliminado com estratégias voltado para um projeto didático de forma sistematizado facilitando sua compreensão através dos conteúdos aplicados.

À medida que se procura eliminar as dificuldades em um pensamento mais consciente sobre o funcionamento da escola, surgem mitos referentes aos ciclos, que não apresentam uma comprovação válida para as pesquisas do cotidiano das pessoas. Um dos mitos se refere aos ciclos de formação, afirmando que surgiu não para oferecer uma educação de qualidade, mas para excluir os filhos dos trabalhadores dos seus direitos, sendo oferecido um ensino voltado para outros interesses, mas na realidade, os ciclos surgiram para reorganizar o tempo escolar e o desempenho dos alunos, integrando os conteúdos à realidade dos alunos, exigindo um olhar diferenciado do professor para seus alunos, mesmo porque cada um têm seu ritmo de aprender e se tornou mito, porque os pais não acreditavam nas mudanças da qualidade de ensino. Outro mito bastante discutido é com relação à escola em ciclos, baseadas em teorias que envolvem a aprendizagem para o desenvolvimento humano estabelecendo normas para uma linguagem sendo possível entender os argumentos da exclusão escolar na educação.

A escola seriada além de criar elementos que contribuíam para exclusão e fracasso, ela também procura aplicar em seu contexto temas que proporcione momentos de questionamentos, conflitos, crítica, embates e resistência, contribuindo com uma base essencial para a construção de um sistema escolar em ciclos. Na educação brasileira a palavra "Ciclo" já possuía outros significados, assim como a ideia básica dos ciclos receberam outras denominações.

Os ciclos apresentam formas diferenciadas de se organizar através de blocos com durações variadas. Esse termo ciclo já era encontrado na primeira Lei de Diretrizes e Base Nacional, cujo número 4024/1961, sendo tramitada no congresso durante 11 anos, se baseando

na reforma Langevim-Wallon, para as escolas pertencentes à França, não chegando a ter uma efetivação. No entanto, o sistema seriado servia para organizar as várias etapas da escola, conforme afirma Barreto; Sousa (2004, p. 3), “o uso do termo ciclos na lei 4.024/61, para denominar diferentes etapas de escolaridade, abrigava, portanto, o regime seriado, como modo de organização da escola”. Classificando a escolarização dos alunos da EJA

De acordo com os autores citados, a escola era então organizada através do sistema seriado, sendo que o ensino primário tinha quatro (4) anos de duração e o ensino médio se dividia em dois ciclos, o ginásial voltado para quatro (4) séries anuais e o colegial se dividia em três séries. (BARRETO; SOUSA, 2004, p. 4). A permanência do sistema de “ciclos” na lei nº 5.292/71 deu abertura para a elaboração do parecer nº 360/74 que previa “avanços progressivos adequados às potencialidades de cada aluno”. Foi elaborado um parecer que constava o avanço na aprendizagem do aluno, avaliando cada potencialidade apresentada no decorrer das aulas, porque houve mudanças e ampliação na oferta de educação básica em massa e de ensino superior no cenário brasileiro. Definindo os ciclos como escolarização.

Os ciclos compreendem períodos de escolarização que ultrapassam as séries anuais, organizados em blocos cuja duração varia, podendo atingir até a totalidade de anos prevista para um determinado nível de ensino. Eles representam uma tentativa de superar a excessiva fragmentação do currículo que decorre do regime seriado durante o processo de escolarização. A ordenação do tempo escolar se faz em torno de unidades maiores e mais flexíveis, de forma a favorecer o trabalho com clientela de diferentes procedências e estilos de aprendizagem, procurando assegurar que o professor e a escola não percam de vista as exigências de educação postas para o período (BARRETO e MITRULIS, 2003, p.70).

No pensamento das autoras, os ciclos compreendem o tempo de permanência dos/das alunos/as na escola e dependendo do ritmo de cada um, poderá haver uma ultrapassagem das séries anuais podendo atingir até a totalidade e se estendendo muito mais. A organização da permanência da escola em ciclos, além das configurações apresentadas, destaca em seus aspectos, concepção sobre educação, enfatizando que a:

(...) concepção de educação escolar obrigatória, desenho curricular, concepção de conhecimento e teoria de aprendizagem que fundamentam o ciclo, processo de avaliação, reforço e recuperação, composição de turmas, enfim, novas formas de ordenação dos tempos e espaços escolares que envolvem os diferentes atores sociais afetados pelos ciclos (BARRETO; MITRULIS, 2003, p.70).

Na visão das autoras, trabalhar num contexto usando os ciclos escolares torna-se necessário reconsiderar a forma de como trabalhar o perfil dos/das alunos/as e escolher um profissional capaz de atuar com novos conhecimentos, voltado para a faixa etária da clientela. Os novos conhecimentos que passam a fazer parte da história dos alunos/as são adquiridos e produzidos na própria escola, garantindo principalmente o direito da criança estudar,

impedindo-a de começar logo cedo no mercado de trabalho, sendo oferecida uma educação favorecendo um desenvolvimento cognitivo e motor de acordo com a faixa etária de cada aluno/a.

A proposta de organização escolar em ciclos tem como finalidade construir uma educação voltada para a transformação, a partir da introdução de apoio pedagógico e administrativo. Logo, os ciclos estão ligados a estratégias de “políticas de não retenção” Fernandes (2009, p. 21). A fundamentação dos ciclos é uma concepção contrária à cultura de seriação, pois enquanto o trabalho em ciclos não reprova o/a aluno/a, a cultura seriada reprova. Sendo que através dos ciclos, ocorre a interdisciplinaridade das matérias, ocupando o tempo e o espaço de maneira mais flexível, buscando um desenvolvimento mais significativo, envolvendo diversos saberes para a aprendizagem e a produção de novos conhecimentos, cuja proposta busca estabelecer bases curriculares que sejam significativas, dinâmicas para que os alunos possam estar aptos a interpretar o que é proposto pela comunidade escolar.

2.7 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA ENSINAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os desafios que os/as professores/as da EJA enfrentam ao chegar à sala de aula para ensinar aos jovens adultos, com suas próprias experiências exigem que eles estejam preparados para fazer com que esses/as alunos/as aprendam de uma forma eficiente. A Graduação é certa que influencia no perfil dos/das professores/as, mas ao se preparar para ensinar na EJA, é preciso perceber que estes/as alunos/as precisam de incentivos diferenciados para poderem desenvolver sua aprendizagem. Será que os conhecimentos adquiridos na prática docente inspiram os professores/as no momento em que precisam atuar na sala de aula e eles/as são eficazes para o exercício de sua prática, motivando seus/as alunos/as a permanecerem na escola incluindo todos sem causar desconforto a turma, usando estratégias que chamem a atenção desses estudantes para aprenderem de forma descontraída nas atividades propostas?

E nessas atividades é preciso que os professores/as estejam atentos aos interesses dos/as alunos/as, despertando a curiosidade, numa conversa informal trazendo para a discussão um conteúdo que chame a atenção dos mesmos, com benefícios para a turma, pois ao retornarem à sala de aula, esses/as alunos/as já trazem conhecimentos, tendo mais facilidade de lidar com as mídias sociais adquirindo informações em tempo real. Portanto, é importante que os/as professores/as além da Graduação, estejam sempre se capacitando através da formação continuada.

A prática pedagógica desenvolvida pode influenciar os/as alunos/as e o que de fato é considerado essencial para eles/as aprenderem, buscando sua libertação rompendo as lacunas das dificuldades enfrentadas, mas que precisa ser superada através da educação. Os/as professores/as ao ensinar na modalidade da EJA, aos jovens que deixaram a escola por indisciplina entre tantos outros motivos, mas ao retornarem precisam da atenção por parte dos/as professores/as suprimindo suas necessidades por serem trabalhadores, muitos procuram o primeiro emprego, entre tantos outros fatores.

Dessa forma, os sujeitos da EJA hoje são diversos: trabalhadores, aposentados, jovens empregados e em busca do primeiro emprego; pessoas com necessidades educativas especiais, para citar alguns. Daí decorre também a preocupação com o conceito de diversidade cultural no contexto da EJA. Os sujeitos da EJA atualmente são o trabalhador experiente e o jovem com outro tipo de experiência no mundo (SOUZA, 2011, p. 20)

Nas palavras da autora, o perfil desses/as alunos/as da EJA que chegam à sala de aula, passam por diversas situações e é preciso que os/as professores/as estejam atentos para essa turma que está chegando cada vez mais na escola, e esse retorno se dá pela a necessidade de aprimorar seus conhecimentos e recuperar o tempo perdido quando deixou de frequentar a escola por motivos corriqueiros, por exemplo, indisciplina, reprovação ou falta de interesse de frequentar a sala de aula, mas chegando ao mercado de trabalho se deparam com uma realidade que não é nada animadora pelas as exigências da pessoa ser capacitado e ter experiência para conseguir uma vaga de emprego, fazendo com que os mesmos estabeleçam metas de retornar e concluir seus estudos.

Mas ao retornar a sala de aula, será que os/as professores/as estejam capacitados para receber esses/as alunos/as, dando uma atenção especial, nesse processo de sua aprendizagem passando a ser estimulados a conquistar seu espaço de aprendiz? Muitos/as não são graduados para ensinar na modalidade da EJA nos anos iniciais, enquanto outros são licenciados em Letras, Biologia e Matemática. Sabe-se que as turmas da EJA são formadas por jovens, adolescentes, adultos e idosos todos juntos na mesma sala, precisando de um trabalho docente indo de encontro às dificuldades dos/as alunos/as e os mesmos possam interagir nos desafios propostos com competência da qual a função exige.

Os professores/as em sua prática docente precisam perceber seus alunos/as em sua totalidade fazendo com que sejam estabelecidas regras sendo levadas em conta todas as opiniões discutidas em sala, mas a experiência dos/as professores/as também pode contribuir com novos saberes com aulas dinâmicas surgindo novos conhecimentos considerando que ambos estão estabelecendo uma mediação entre o saber. A formação dos/as professores/as é

uma das iniciativas para a qualificação e melhor preparação para o desenvolvimento da educação influenciando na melhor qualidade de ensino através de estudos se preparam de forma mais significativa com debates propostos por professores/as melhorando o entendimento dos problemas de investigação.

A despeito da grande heterogeneidade que tem caracterizado tais produções, os autores que tem se dedicado a analisá-las são concordes em reconhecer que há nelas um mérito indiscutível: o de colocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação (BUENO, 2006, p. 49).

Indo de encontro às palavras da autora, os/as professores/as exercem diretamente sua ação profissional, quando se unem a cultura da escola, exercendo uma organização de referências culturais dos alunos/as e de toda a equipe da escola contribuindo para a construção da identidade de todos/as, gerando a troca de conhecimentos entre os presentes. A formação docente é fundamental no processo de ensino desde que, antes faça uma reflexão de sua vida e dos caminhos percorridos por ele, dependendo também da relação existente entre as teorias aprendidas, suas experiências vividas e com a prática que exerce na sala de aula. Diante disso, sua valorização cultural tem que ser capaz de proporcionar a independência dos/as alunos/as da EJA, se tornando assim um verdadeiro desafio para o professor em exercício.

É perceptível que nosso caminho vai ao encontro de um novo paradigma educacional, cujo desafio é dar liberdade ao surgimento de uma ação docente, em que professores e alunos podem participar e atuar ativamente no processo de aprendizagem, que se revela dinâmico, criativo, encorajador e que tem como fundamento primordial o diálogo e as descobertas individuais e coletivas (SOEIRO, 2009, p. 175).

Conforme as palavras da autora, os/as professores/as terão que motivar os/as alunos/as, tornando-os mais autônomos, questionando e participando ativamente das atividades adquirindo um aprendizado mais significativo, podendo escrever sua própria história. A partir do momento em que os/as professores/as procuram usar o diálogo para saber os conhecimentos que os/as alunos/as já possuem, fazendo a junção destes com os adquiridos na sala de aula, construindo uma aprendizagem coletiva entre docentes e discentes de forma democrática.

A formação de professores que atuam na EJA considera-se que a grade curricular, não disponibiliza algumas disciplinas que favoreça aos/as professores/as desenvolverem uma prática pedagógica dando possibilidade dos mesmos atuarem na sala de aula. Moura (2007, p. 32), “Os currículos dos cursos normais e das licenciaturas precisavam contemplar a formação específica desses profissionais de forma que eles tenham acesso a saberes gerais e específicos numa relação teoria-prática que contemplem o estudo”. Esse estudo que compõem a formação dos/as professores/as universitários que está essencialmente ligado ao um processo político que tanto podem incluí-las disciplinas ou retirá-los.

A prática educativa é um desafio na vida dos/as professores/as, principalmente quando se trata de um grupo de profissionais que pensam em passar os conteúdos de forma consciente, procurando desenvolver o melhor trabalho para beneficiar os/as alunos/as. Estrela (1997, p.47), “Em termos de grupo, o perfil consubstancia-se historicamente na cultura profissional, como patrimônio que assegura a sobrevivência do grupo e permite a definição de estratégias identitárias adaptadas a cada realidade histórica social”. Que são responsáveis pela a qualificação e formação dos/as cidadãos tornando-se uma diferença na vida dos mesmos, estando preparado para enfrentar qualquer desafio, sendo criativo envolvendo as ações com participações coletivas, utilizando recursos construindo os conhecimentos.

E são esses conhecimentos que a sociedade atual precisa buscar passando por muitas mudanças em vários setores, como na política, no convívio social, econômico, tecnológicos e culturais, por isso a escola tem que acompanhar essa evolução. A escolarização é obrigatória e a demanda de jovens e adultos tem aumentado consideravelmente no final do século XX. Na educação não há um interesse para preparar os/as professores/as com uma formação direcionada para atuar na EJA, não há cursos voltados para esta área, além da escassez de livros, a situação dos/as professores/as ficam cada dia mais difícil e os desafios se tornam mais complexos, conscientizando que na sociedade global se convive ao mesmo tempo com a inovação e a incerteza. Por isso a educação formada pela humanidade se torna mais profunda e a formação dos/as professores/as exige uma posição de forma mais construtiva.

Especificamente o Curso de Licenciatura em Pedagogia tem a função de preparar profissionais para atuar em diversas áreas, para o estudo das teorias de ensino e aprendizagem, dimensões da educação, como no Ensino Infantil, Fundamental e Médio, Gestão Escolar, coordenando e desenvolvendo projetos educacionais em ONGs, e outras. Com duração de quatro (4) anos, é um curso de Licenciatura, mas é possível também encontrar graduação superior em grau de Bacharelado e Tecnólogo.

Também apresenta disciplinas voltadas para a EJA, as quais não são suficientes para atender o alunado dessa modalidade, porque não existe uma formação diretamente para preparar os/as professores/as para essa modalidade de ensino. Então os/as pedagogos/as têm que estar preparados para garantir a melhoria e qualidade da educação, porque não existe uma preparação adequada para atender a esses/as alunos/as. No estágio supervisionado o tempo não é suficiente para se trabalhar com essa clientela, mesmo porque os/as alunos/as de Pedagogia só vão ter contato com esta realidade, já no último período do curso.

As práticas para detectar as ocorrências são muito escassas e tanto os/as professores/as e os estagiários/as, precisam estar qualificados para um atendimento mais eficaz.

A falta de outros eventos da prática e a teoria pode ser um dos problemas do despreparo dos profissionais que atuam na EJA. Todas as disciplinas do Curso de Licenciatura em Pedagogia deveriam abordar a EJA, uma vez que é prevista em todas as ementas. Os estudos específicos desta modalidade quase se limitam a disciplina, pois acontecem apenas no quarto período do curso, com uma duração de noventa 90 horas.

Todas as ementas das disciplinas, falam que os/as professores/as deviam atuar nesta área, estando a EJA sempre em segundo plano, neste curso. Não existe um profissional com um perfil adequado para trabalhar nesta modalidade, tornando-se um problema, acarretando dificuldade para desenvolver um trabalho com esses/as alunos/as, que estão retornando para uma oportunidade pela segunda vez. Ser professor/a da EJA, não é para qualquer pessoa, ele/a precisa ter o perfil adequado, pois a metodologia tem que ser diferenciada da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como a forma do relacionamento entre os/as professores/as e alunos/as.

Os professores que trabalham na educação de Jovens e Adultos, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da educação de jovens e adultos; devem-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração destes docentes.
(HADDAD e DI PIERRO, 1994 p. 15).

Em relação à citação, mesmo sem ter uma formação específica para trabalhar com a EJA, os/as professores/as precisam participar da formação continuada, desenvolvendo uma metodologia a ser aplicada de forma sistemática, sendo mais objetiva possível, porque as disciplinas oferecidas no Curso de Licenciatura em Pedagogia são poucas para atender à necessidade dessa formação. Existe a disciplina de Educação de Jovens e Adultos, além de outras, como: Fundamentos Históricos da Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização de Jovens e Adultos, Estágio Supervisionado IV e V, além de outras.

Mas essas disciplinas não são suficientes, dificultando um melhor atendimento para esses/as alunos/as, enfrentando grandes desafios na formação de professores/as para a EJA. Poucas instituições desenvolvem disciplinas direcionadas a essa modalidade de ensino, muitos/as alunos/as não a conhecem por não ter oportunidade de estagiar, desconhecendo assim a realidade desses/as alunos/as porque os cursos abordam apenas alguns conteúdos em poucas disciplinas, não tendo, portanto uma formação superior para a EJA.

2.8 O LIVRO DIDÁTICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA) foi criado no dia 16 de setembro de 2009, pela resolução de número 51. Sofreu algumas alterações, mas tem a preocupação de ofertar materiais didáticos, apropriados para esta modalidade de ensino. E sua finalidade é distribuir obras didáticas para as escolas públicas e entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), destinado ao Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais e do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos. A escolha das obras continua sendo igual ao do PNLD.

Os recursos didáticos envolvem uma diversidade de elementos utilizados como suporte experimental na organização do processo de ensino e de aprendizagem, com a finalidade de servir de interface mediadora para facilitar na relação entre professor, aluno e o conhecimento em um momento preciso da elaboração do saber. São criações pedagógicas desenvolvidas para facilitar o processo de aquisição do conhecimento. (PAIS, 2000 apud KAWAMOTO e CAMPOS, 2014 s/p).

Na concepção das autoras, os recursos didáticos que são utilizados nas aulas e cursos tornam-se um instrumento importante para instruir uma aprendizagem, o livro didático é considerado como um objeto para o conhecimento humano organizando as ideias, para que os/as professores/as possam orientar seus/as alunos/as nas atividades realizadas. O livro considerado didático será utilizado de forma organizada, na sala de aula pelos/as professores/as e servirá como apoio pedagógico, tanto para aplicar conteúdos durante as aulas, como para administrar cursos para alunos/as de qualquer instituição e é usado para a aprendizagem de forma coletiva, conforme mediação dos/as professores/as. É essencial que os componentes que fazem parte do livro didático estejam ligados a aprendizagem que é patrocinada por ele. As linguagens verbal e oral, usadas pelo livro, devem ser igualmente eficientes. Significa então que o livro deve apresentar impressão nítida, a encadernação resistente. Quanto às ilustrações, devem ser refinadas e de melhor qualidade. Torna-se necessário o avanço incontrolável da tecnologia, para que os/as alunos/s ao adquirirem conhecimentos fora da escola através dos livros didáticos digitais, que podem ser lidos e notebooks, tablets, celulares e smartphones, colher as informações precisas para uma boa comunicação.

Existem vários tipos de materiais didáticos que poderão ser utilizados pelo os/as professores/as na sala de aula, explorando o raciocínio dos/as alunos/as. Tendo apoio da política nacional do livro pela a Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, e conforme o capítulo 2, artigo 2º que o livro é “a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódicas, grampeadas, colada ou costurados, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento.” Apesar do surgimento de vários materiais tecnológicos, o livro impresso continua sendo o mais utilizado pelos professores/as durante às aulas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia escolhida para a construção do trabalho teve seu início com um levantamento bibliográfico impresso e digital sobre o tema, para subsidiar toda trajetória da pesquisa que foi de natureza qualitativa, conforme Rampazzo (2005, s. p), "define como uma busca pela compreensão particular do objeto que se estuda, tendo seu foco voltado ao específico, buscando a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados", A pesquisa qualitativa baseia-se em compreender a relação entre o sujeito e objeto.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

O local que serviu de campo para a pesquisa foi a Escola Estadual do Ensino Fundamental Frei Martinho, localizada na Avenida Desembargador Novais, s/n, Bairro de Cruz das Armas no município de João Pessoa/PB. A escola foi fundada há mais de 75 anos homenageando com esse nome, o frade chamado Martinho, que na época, tornou-se um marco importante para essa comunidade e para a escola que hoje é registrada com essa denominação, cujo prédio faz parte da Igreja Católica, São José Operário.

A modalidade da EJA funciona no turno da noite, abrangendo o ensino Fundamental que se dividem em duas (2) etapas: a etapa I corresponde do 1º ao 5º ano, destinada aos jovens a partir de quinze (15) anos e a II etapa, refere-se do 6º ao 9º ano referente aos anos finais do Ensino Fundamental do ensino regular.

. A implementação da EJA é obrigatória de acordo com a orientação da Secretaria Estadual da Educação, contemplada com verba para os alunos da EJA, sendo empregada na compra de material através de licitação. Até os dias atuais, funciona essa modalidade, atendendo a clientela, proporcionando cursos especializados para as pessoas que possuem deficiências e ainda cursos para todas as pessoas que quiserem aprender Libras, estudantes da área da educação, alunos da própria escola, comunidade e professores.

A escola atende a comunidade e são matriculados quinhentos e dezessete (517) alunos/as, do Ensino Fundamental e oitenta e cinco (85) alunos da EJA e a escola é acessível aos portadores com necessidade especiais, tendo dependências para atendê-los e professores especializados, com Atendimento Educacional Especializado (AEE), cursos de Língua Brasileira de Sinais, (LIBRAS), para alunos/as com deficiências e comunicação alternativa.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Optou-se por realizar a pesquisa de natureza qualitativa, possibilitando o maior contato com os/as alunos/as que têm por objetivo proporcionar uma visão geral do fato, seus resultados apresentam dados que permite ao pesquisador dentro do foco em questão, adequar e escolher as técnicas com uma investigação detalhada. Para essa pesquisa utilizou-se a técnica de análise das referências bibliográficas, que é aquela que permite explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, tanto impressas como através de meios eletrônicos.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos no período da realização do estágio obrigatório, etapa da disciplina de Estágio Supervisionado V, oportunidade surgida através de um diálogo com a professora e a observação na sala de aula, foram fundamentais para a escolha do tema. Para a professora que ensina na modalidade EJA da etapa I, foi entregue um questionário com dez (10), perguntas. Também participaram de uma entrevista, quatro (4) alunas, que se propuseram a responder as perguntas.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para coletar os dados foram utilizados o questionário e a entrevista. Para Richardson (1999), geralmente os questionários cumprem duas funções, ou seja, descrevem características e medem determinadas variáveis de um grupo. Quando ao tipo de pergunta, os questionários podem ser classificados em questionários de perguntas fechadas, de perguntas abertas e que combinam ambos os tipos de perguntas. Conforme o autor, apesar de exigir menos habilidade para aplicação do que uma entrevista, os questionários sozinhos podem não ser suficientes para

alcançar a profundidade na compreensão do fenômeno requerida pelas pesquisas de natureza qualitativa.

O questionário foi composto de questões fechadas e abertas no intuito de perceber se há coerência entre as respostas e a prática pedagógica demonstrada no período de estágio. O questionário foi aplicado para buscar resposta e verificar quais as soluções que desenvolveram para superar estas dificuldades. Segundo Gil (1999, p.128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

A entrevista é um segundo método empregado nesta coleta de dados. Conforme Godoy (2005) um dos métodos mais utilizados na pesquisa qualitativa e parte de um contínuo que vai desde entrevistas estruturadas, passando por entrevistas semiestruturadas até entrevistas não estruturadas. A chamada entrevista estruturada é usada quando se objetiva a obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo, assim, uma comparação imediata, em geral mediante tratamentos estatísticos. Trivinos (2008) destaca que o tipo de entrevista mais adequado para a pesquisa qualitativa aproxima-se dos esquemas mais livres, menos estruturados, em que não há imposição de uma ordem rígida de questões. Diante dos dados coletados, foi possível alcançar os resultados desejados.

3.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A professora da sala onde foi realizado o estágio, com idade de cinquenta e cinco (55) anos, exerce a função na sala de aula há trinta e dois (32) anos, formada em Pedagogia e Psicopedagogia, lecionou dezoito (18) anos na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e há quatorze (14) anos, ensina na sala de aula da EJA, mas não tem uma formação voltada para esta modalidade, apenas foi transferida da turma infantil para trabalhar nesta área, sem muita experiência.

Isso remete à citação dos autores Haddad e Di Pierro (1994), os professores que trabalham na EJA, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da educação de jovens e adultos.

Constata-se que mesmo os/as professores/as não tendo uma formação voltada para atuarem na sala da EJA, estão desenvolvendo suas práticas pedagógicas nessa modalidade de ensino, revelando em certos casos o despreparo para atuarem nessa modalidade específica. Mas ao participar da formação continuada, eles/as estão buscando informações possibilitando uma reflexão quanto à teoria e sua prática, melhorando a qualidade do ensino, exigida cada vez mais para a formação dos sujeitos. Ser professor/a nos dias atuais é assumir um compromisso com seus/as alunos/as e uma sociedade globalizada exigindo cada vez mais transformações nos meios educacionais. Através da formação, o professor poderá resolver os problemas e desafios que surgem, na sala de aula, estando aptos a lidar com situações diversas.

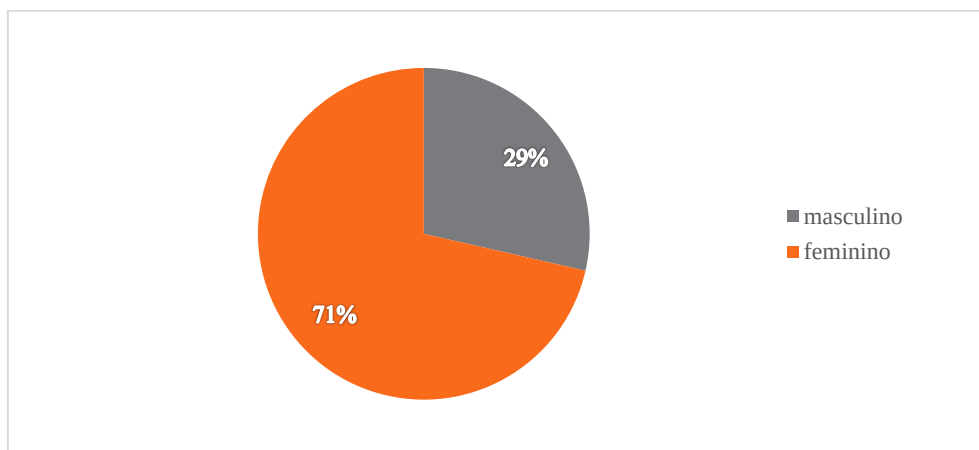
De acordo com as respostas colhidas através da aplicação do questionário direcionado para a professora, este com dez (10) questões e considerando as respostas, pode-se fazer a análise dos dados à luz dos teóricos e estudiosos da temática desenvolvida neste trabalho. Inicialmente foi perguntado a professora “Quantos alunos são matriculados na sua sala?” Ela respondeu que são trinta e cinco (35) alunos/as matriculados. Com relação aos dados da Professora A, da EJA, da etapa I, referentes ao 4º e 5º ano da primeira etapa do Ensino fundamental, no ensino regular.

Sabe-se que o grau de complexidade de uma sala da EJA está no envolvimento da experiência de vida dos/as alunos/as com o conteúdo a ser ensinado e aprendido. Saber o que interessa a cada um a fim de motivá-los, requer aproximação individual com todos eles/as. O trabalho dos/as professores/as começa com ações antes da aula acontecer, planejando com base nas informações que colheu em momentos anteriores, para incluir as experiências da prática cotidiana dos alunos na aprendizagem dos conteúdos escolares. Portanto, uma sala com essa quantidade de alunos/as, aumenta a responsabilidade dos/as professores/as em garantir que eles/as de fato aprendam e usem os novos conhecimentos na melhoria da sua vida pessoal.

Em seguida, a pergunta foi “Quantos alunos do sexo masculino e quantos do sexo feminino?” Ela respondeu que são dez (10) do sexo masculino e vinte e cinco (25) do sexo feminino. Com relação ao número de alunas ser maior reflete na questão social que envolve as mulheres, buscando ter acesso a uma educação, para melhorar suas condições de vida, participando e questionando seu espaço na sociedade. A maioria dessas mulheres voltam à escola para estudar, buscando conhecimentos para melhorar sua qualificação profissional, adquirindo liberdade financeira, superando as dificuldades que surgem no dia a dia.

Com relação ao sexo masculino, o número de jovens, adultos e idosos, equivalente a vinte e nove por cento (29%), e vinte e cinco (25) alunas do sexo feminino, que corresponde a setenta e um (71%), por cento, conforme demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição dos/as alunos/as da EJA, por sexo.



Fonte: Dados da pesquisa 2020

A EJA surgiu com a finalidade de dar oportunidade a alunos/as que por alguns motivos não puderam ingressar na escola na idade adequada considerada pessoas sem conhecimento, em seus próprios saberes. Surgiu como uma opção de mudanças educacionais, responsável pela formação dos mesmos, ao buscar o conhecimento e novos ideais, através da educação, são capazes de produzir sua história. Mas foi preciso se conscientizar da importância de estudar e isso tem contribuído para o aumento da população feminina na escola, pela a necessidade de lutar por uma vida mais justa, sendo consideradas inferiores aos homens.

Para os autores, Garcia-Huidobro *apud* Menezes (2004), mudanças de costumes, inserção no mundo social e do trabalho, exigências da crise econômica que forçaram a mulher a buscar o sustento fora do lar. Tudo isso têm contribuído para o aumento da população feminina na escola, pela a necessidade de lutar por uma vida mais justa, sendo consideradas inferiores aos homens.

Ao enfrentar as dificuldades financeiras, dependendo sempre da ajuda masculina, mas chegou o momento que precisava conquistar o seu espaço profissional e foram em busca de emprego, mesmo ganhando um salário inferior, começaram as mobilizações para poder se libertar da opressão do homem e viver dignamente com seu próprio sustento. Apesar de tanta desigualdade social, as mulheres não pararam, buscando seus sonhos, retornando a escola para obter os conhecimentos necessários e conseguir atingir seus objetivos de conquistas e

mudanças. A diferença de sexos é um dos fatores bastante discutido dentro da sociedade e a mulher, mesmo com conquistas, é sempre considerada inferior ao homem.

Esses conhecimentos surgem através da modalidade da EJA, dando oportunidade para as mulheres retornarem à sala de aula, participando de discussões com temas de interesse, para o seu desenvolvimento e melhor qualidade de vida, interagindo com a professora e demais alunos/as nas atividades propostas num processo de aprendizagem, superando suas dificuldades, mas é preciso que o/a professor/a tenha compromisso ao desenvolver temas atuais dentro do contexto educacional, proporcionando um melhoramento no ensino e aprendizagem, selecionando o material adequado atendendo assim as necessidades prioritárias para o desenvolvimento educacional dos mesmos/as.

A modalidade EJA proporciona às mulheres conquistar novos horizontes, buscando através dos conhecimentos sua independência. É possível entender essas mudanças nos relatos das alunas, na ocasião em que foram entrevistadas. As perguntas tinham seu foco no motivo de estarem frequentando a escola. Elas foram identificadas pelas letras A, B, C e D.

A aluna A informou que nunca estudou, que trabalhava na agricultura, depois num salão de beleza e agora em casa. Atualmente passa por alguns problemas de saúde, e está se preparando para fazer um tratamento. E que está na escola agora, aos quarenta e cinco (45) anos, para realizar o sonho de aprender a ler e escrever.

A aluna B informou que trabalhava (não disse em que ocupação), que nunca estudou porque precisava trabalhar nos afazeres domésticos e que decidiu estudar porque quer aprender a ler e escrever e não tem vontade de ficar em casa. Ela deixou bem claro que se sentia melhor na escola do que no trabalho.

A aluna C disse que parou de estudar aos 15 anos, pois precisava ajudar a sua mãe e que, só agora, aos quarenta (40) anos, está retornando e quer aprender a ler porque trabalha como cozinheira e precisa saber ler e escrever.

A aluna D disse que nunca ligou para estudar, agora quer aprender a ler e escrever.

Para Meneses (2005), na busca de novos horizontes, hoje as mulheres têm se voltado para a escola fazendo um caminho inverso ao que fez anos atrás, na tentativa de descobrir quem são e o que querem. Nesse sentido, a EJA tem se colocado para os sujeitos, como uma oportunidade de concretizar projetos de ascensão profissional e de ampliar sua visão de mundo. A linguagem é uma forma de se comunicar e ela está presente na vida do ser humano e é através dela que as relações existem e acontecem desde uma pequena expressão até algo mais significativo. Então os/as alunos/as poderão acompanhar as mudanças ocorridas através das descobertas de um conhecimento que precisa ser analisado quanto a sua flexibilidade, plasticidade e inovação.

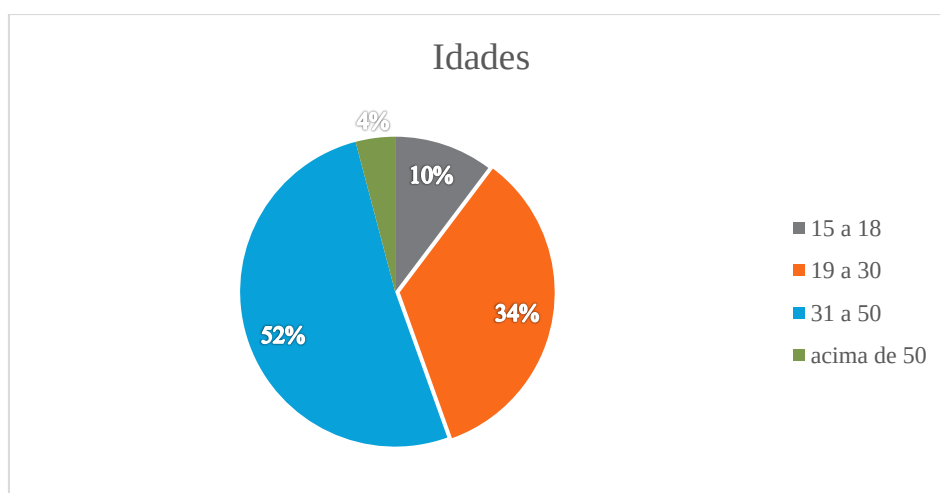
Diante das palavras da autora, constatou-se que as mulheres foram conquistando seu espaço pouco a pouco, antes eram submissas ao lar, mas através dos movimentos sociais e reivindicações foram se tornando mulheres de negócios e até passaram a comandar seu próprio lar. Através da escolarização, puderam mudar seus pensamentos e se adaptaram à nova maneira de viver, conquistando o que antes competia à classe masculina. A valorização por parte dos/as professores/as, também é fundamental para que esses/as alunos/as queiram aprender e superar as dificuldades, atingindo seus objetivos e através dos conhecimentos obtidos transforme suas condições de vida.

A valorização por parte do/a professor/a, também se torna fundamental para que esses alunos/as possam aprender a superar as dificuldades, podendo promover formações na área da educação, além de reconhecer a importância trabalho do professor para esta modalidade.

Por fim, como um dado da contextualização da sala foi perguntado “Qual a faixa etária dos alunos?” A professora respondeu que as idades variam de 15 a 80 anos.

Com relação à faixa etária das turmas citadas é de quinze (15) a dezoito (18) anos de idade que corresponde a dez (10%) e de dezenove (19) a trinta (30) anos, equivale a (34%), e de trinta e um (31) a cinquenta (50) anos, corresponde a (52%), a partir de cinquenta e um (51) até oitenta (80) anos referentes ao grupo de idosos num total de (4%). Como demonstrado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição dos alunos/as por faixa etária



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Para trabalhar com essa turma de diferentes idades, é preciso buscar uma temática despertando a curiosidade dos estudantes para aprenderem a ler e escrever. Os professores/as precisam desenvolver recursos didáticos envolvendo os/as alunos/as com discussões,

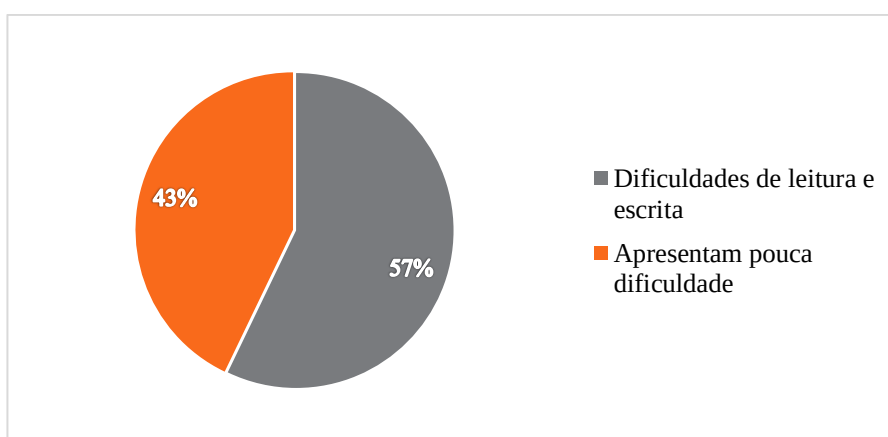
instigando a curiosidade da turma, que apresentam dificuldades, mas que já possui conhecimentos diversificados, precisando de incentivos, para superar a defasagem ao longo dos anos perdidos.

Constata-se que a turma da EJA, é formada por um grupo diferenciado de faixa etária, cada um apresentando suas particularidades e linguagens próprias culturas, e a forma de se vestirem onde os/as alunos/as jovem apresenta um comportamento diferente dos adultos e idosos, trazendo para a sala de aula seus próprios conhecimentos e visão do mundo. Devido às diversidades, o atendimento dos/as professores/as precisa de estratégias para trabalhar e desenvolver a socialização entre a experiência de vida dos mais velhos e o conhecimento da informática dos jovens na atualidade.

Os desafios enfrentados por essa turma, busca a reflexão dos/as professores/as de forma consciente, mesmo porque as transformações fazem parte da educação e da vida desses/as alunos/as, que possui particularidade retornando a escola para obter uma escolarização mudando o seu contexto histórico.

No que se refere ao 4º e 5º ano com dificuldade da leitura e escrita, cinquenta e sete (57%) tem dificuldades na leitura e escrita e quarenta e três (43%) apresentam pouca dificuldade, como demonstrado no Gráfico 3.

Gráfico 3- Distribuição dos alunos da 4ª e 5ª ano com dificuldade de leitura e escrita



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Passando para os dados voltados para a temática, foi perguntado “Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos na leitura e escrita?” A professora respondeu que a maioria não sabe ler e escrever, no entanto é importante usar meios adequados para fazer com que os/a alunos/as comecem a sentir o gosto pela leitura, incentivando os/as mesmos/as a praticar a leitura superando as dificuldades desde cedo. Então é preciso que os/as professores/as

comecem a instigar os/as jovens a apreciar a leitura para que possam desenvolver a escrita, mostrando que isso mudará completamente seu comportamento diante das dificuldades surgidas durante o período de alfabetização, refletindo nos jovens e adultos a superação das dificuldades surgida durante seu retorno à escola.

Esses dados vão ao encontro do que foi observado com os/as alunos/as da 4º e 5ª ano da EJA, retornando à sala de aula, para conseguir se alfabetizar. É desafiador, fazendo-se necessário que o/a professor/a desenvolva o ciclo de alfabetização, para que os mesmos possam conseguir superar suas dificuldades de aprendizagem desenvolvendo o gosto pela a leitura, principalmente, com esses/as jovens e adultos e idosos, marca registrada nessa modalidade de ensino, apresentando lacunas diante da produção dos conhecimentos.

Alfabetização é um processo da construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, que precisa ser valorizada no contexto histórico, interligando os conhecimentos prévios dos/as alunos/as a novos conhecimentos desenvolvidos diariamente dentro da sala de aula, proporcionando momentos de interação, adquirindo capacidades para desenvolver textos, através da escrita, enfrentando os desafios necessários para conseguir ser cada vez mais autônomos, construindo sua aprendizagem e saberes com questionamentos no meio social.

Segundo Scoz (1994), os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multimensal, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, esses fatores confirmam a existência de cumplicidade entre professores/as e alunos/as.

Para uma aprendizagem em busca do conhecimento a professora desenvolve uma dinâmica envolvendo a participação de todos/as, trazendo textos com temas atuais, que vá ao encontro das suas necessidades, superando as dificuldades dos/das alunos/as na troca de informações e experiência enriquecendo o vocabulário entre todos que estão inseridos na sala de aula.

Para que eles/as possam superar o fracasso escolar que os acompanhou desde sua história de vida, além das dificuldades de aprendizagem e desafios surgidos durante o seu percurso histórico até a atualidade e o papel dos/as professores/as são desafiadores promovendo uma transformação no contexto educacional, proporcionando um melhoramento no ensino e aprendizagem, selecionando o material adequado a cada situação.

Os adultos e idosos querem realmente aprender a ler e escrever, além de assinar o nome, para poder ocupar o seu espaço na sociedade de cabeça erguida. Quanto aos/as jovens tem uma

perspectiva bem maior, querendo um bom emprego e até ingressar num curso superior. A professora afirma que o ritmo de aprendizagem é bem diferente, existem aqueles/as que aprendem com maior rapidez e outros/as que são bastante lentos e o cansaço físico atrapalha o desenvolvimento desses/as alunos/as.

Nas palavras de Schwartz (2012), para ler, o aluno precisa de informações para refletir. O desenvolvimento de estratégias de leitura pode ser estimulado de diversos modos. Um deles é fornecendo pistas para antecipar o que está escrito. Para tal, pode-se utilizar o texto com imagens, quanto mais recursos os/as professores/as utilizarem na sala de aula, os/as alunos/as, podem adquirir novas habilidades que possam compreender de modo diferente recursos que estejam ligados ao seu cotidiano. Fazendo com que eles aprendam de forma criativa construindo o conhecimento.

Discutir as linguagens em qualquer etapa da vida é pensar nas pessoas, estabelecendo metas para construção de um mundo melhor. A educação na construção das identidades e dos saberes do dia a dia refletindo nas transformações das desigualdades sociais, dando uma atenção maior para os desafios enfrentados pelos os quais surgem para a população mais humildes, transformando o contexto histórico. O papel do/a professor/a é essencial atendendo as necessidades dos/as alunos/as influenciando a aprendizagem, interagindo de forma significativa organizando as ideias na compreensão do conhecimento.

Os/as professores/as ao desenvolverem sua função docente, precisa elaborar um planejamento com conhecimento e uma prática pedagógica influenciando no processo de ensino e aprendizagem com estratégias utilizando uma sequência didática, que atenda às necessidades de seus/as alunos/as, para que os/as mesmos/as possam superar suas dificuldades, construindo novo saberes, refletindo nas ações realizadas na rotina diária.

Ao ser perguntado à professora “Quais as ações pedagógicas que são desenvolvidas para superar as dificuldades apresentadas pelos/as alunos/as na leitura e escrita?” A professora respondeu que, para trabalhar o desenvolvimento da leitura e da escrita, realiza trabalhos voltados para a leitura individual e em grupo, além de interpretações de textos, há uma troca de saberes, pois a minoria dos/as alunos/as já domina a leitura com clareza, questiona discutindo o assunto enriquecendo o tema e estimulando os outros que não sabem ler a participar. Além de trabalhar com conteúdo de um texto impresso no cartaz, para que os/as alunos/as escolham as palavras destacadas que mais chamaram sua atenção realizando a leitura oralmente.

Disse também que desenvolve um mural com as palavras escolhidas pelos/as alunos/as retiradas do texto fazendo a releitura das mesmas com seus significados, promovendo aos/as alunos/as noções de leitura e escrita, identificando a sílaba inicial das palavras, escrever

palavras simples representadas por desenhos, formando pequenas frases a partir das sílabas estudadas.

Na sala de aula os/as professores/as precisam buscar estratégias para incentivar os/as alunos/as a desenvolverem a prática de leitura buscando compreender a mensagem do texto, verificando a importância do que está escrito trazendo informações precisas para sua vida.

De acordo com os PCN (1997), a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua. Nesse procedimento o aluno/a busca adquirir experiência através da leitura explorando o significado das palavras compreendendo a mensagem transmitida pelo o tema em estudo.

Ao perguntar à professora “Até que ponto a leitura e escrita é fundamental na vida dos alunos/as?”, ela respondeu que a leitura é essencial para o desenvolvimento intelectual dos/as aluno/as e a partir do momento que ele se apropria dela, aprendendo a ler, poderá conquistar outros horizontes, com novas descobertas, percorrendo o mundo da leitura com gosto e prazer. Através dela poderá aprender a escrever seus próprios pensamentos, se apropriando da escrita construindo sua própria produção textual, explorando cada vez mais os conhecimentos essenciais para sua sobrevivência no mundo atual e na sociedade, adquirindo sua ascensão, através da leitura e escrita. Os/as professores/as devem proporcionar aos/s alunos/as benefícios sociais e culturais. O domínio da leitura e escrita acontece durante a alfabetização à fase inicial da ordem alfabética e ortográfica.

Trazendo isto para a discussão de Marcuschi, (2010), numa sociedade como a atual, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramentos, é mais que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Vive-se numa sociedade em desenvolvimento e é preciso se preparar para acompanhar a evolução das mídias sociais já que é importante para as transformações e o progresso pessoal do ser humano.

Ao perguntar à professora como é o relacionamento dos/as alunos/as com a faixa etária diferente, ela respondeu que a turma é formada por um grupo diferenciado de idades, havendo às vezes um conflito de gerações, mas nada que não possa ser solucionado diante de uma conversa entre os/as alunos/as e o/a professor/a.

Na visão de Demo, (2002), supõe que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos.

Diante das situações surgidas na sala de aula, é preciso ações voltadas para solucionar as diferenças que ocorrem durante a falta de compreensão, no momento em que está sendo realizadas as atividades, devendo haver uma participação interativa, dando oportunidade de questionar seus próprios conhecimentos influenciando o envolvimento de todos/as.

Para Carrano (2008), a compreensão dos processos de socialização contemporânea dos jovens pode contribuir para o diálogo intergeracional no cotidiano escolar. Parte-se do princípio de que muitos dos problemas que os educadores enfrentam, nas muitas salas de aula e espaços escolares deste país com os jovens alunos, têm origem em incompreensões sobre contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos. Mas é através da socialização que se constrói uma sociedade, podendo interagir uns/umas com os outros/as, assimilando hábitos culturais e por meio dessa cultura constrói seu aprendizado construindo seus valores e sua personalidade.

Ao perguntar à professora “O que é ser professor/a da Educação de Jovens e Adultos?”, ela respondeu que ser professor/a não é apenas saber transmitir conhecimentos, mas deve buscar estratégias inovadoras, levando-os a alcançar e atingir seus objetivos, de forma produtiva proporcionando uma interação harmoniosa com a turma, que busca uma segunda chance para mudar a sua qualidade de vida.

Para Matta (2009), chama a atenção de que os alunos devem ser levados a escrever texto que correspondam aos diferentes usos sociais da escrita. Para isso, deve-se ter cuidado com as tradicionais práticas da redação escolar.

Para desenvolver um trabalho pedagógico é preciso que os/as professores/as estejam qualificados/as atendendo as necessidades dos/as alunos/as utilizando uma prática educativa indo de encontro com os saberes anteriores dos mesmos, fazendo uma reflexão sobre os novos conteúdos que serão acrescentados no plano de aula, já existente.

Para Soeiro (2009), é perceptível que o caminho do homem vai ao encontro de um novo paradigma educacional, cujo desafio é dar liberdade ao surgimento de uma ação docente, em que professores/as e alunos/as podem participar e atuar ativamente no processo de aprendizagem, buscando realizar atividades possibilitando aos/as alunos/as poderem participar com palavras que estejam ligadas ao seu dia a dia, desenvolvendo suas habilidades tornando-se leitores, autônomos, sendo independente, despertando o interesse em busca do conhecimento superando as dificuldades, construindo um mural, com a participação de todos/as, fazendo a releitura dos mesmos, procurando saber o que cada palavra escolhida pelos/as alunos/as significa, utilizando o dicionário.

Ao perguntar à professora “Em sua visão, quais as práticas pedagógicas realizadas para a superação das dificuldades de aprendizagem?”, respondeu que, primeiramente, seleciona uma literatura apropriada para a realidade dos/as alunos/as, depois escolhe uma aluna que já domina a leitura para auxiliar nas atividades. Em seguida, procura interagir nas discussões utilizando fichas com as palavras geradoras do seu próprio cotidiano, fazendo com que a aprendizagem se torne reflexiva diante do pensamento exposto pelos/as alunos/as acreditando em sua capacidade ao desenvolver um pensamento crítico. Copia no quadro todas as palavras fazendo a leitura com a participação dos/as alunos/as, explicando o significado de cada uma. Outra prática utilizada é o exercício referente ao ditado das palavras e a separação de sílabas.

Trazendo a discussão desses autores, Pais (2000) apud Kawamoto e Campos (2014), os recursos didáticos envolvem uma diversidade de elementos utilizados como suporte experimental na organização do processo de ensino e de aprendizagem, com a finalidade de servir de interface mediadora para facilitar na relação entre professor, aluno e o conhecimento em um momento preciso da elaboração do saber. Isso é fundamental quando é desenvolvido um trabalho em grupo, possibilitando aos/a estudantes uma interação facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Ao perguntar à professora “Qual a importância da EJA na vida dos alunos?” respondeu que é proporcionar momentos de interação entre todos/as, contribuir para mais uma oportunidade dada aos jovens que estão retornando para a sala de aula em busca de adquirir conhecimentos, conquistando sua autonomia. Trabalhar com os/as alunos/as é desafiador, portanto os/as professores/as têm que estar preparados/as para enfrentar os desafios superando as dificuldades apresentadas pelos/as mesmos/as analisando o contexto histórico desses sujeitos. Na afirmação de Souza (2011), dessa forma, os sujeitos da EJA hoje são diversos: trabalhadores, aposentados, jovens empregados e em busca do primeiro emprego; pessoas com deficiências. Daí decorre também a preocupação com o conceito de diversidade cultural no contexto da EJA.

Nessa heterogeneidade é formada a turma da EJA, que busca através da escolarização, qualificar-se para melhorar suas condições de vida, adquirindo capacidade de melhoria para o trabalho, sendo um dos principais motivos pelos os quais eles/as retornam a escola. Entende-se que o papel dos/as professores/as é primordial ao assumir um compromisso com o desenvolvimento da aprendizagem desses/as alunos/as incentivando-os a participar dos questionamentos, superando suas dificuldades, envolvendo nos debates, dando a oportunidade de estarem na sala de aula, no momento em que são desenvolvidas atividades para atender as necessidades desses/as alunos/as.

Atendendo às necessidades de seus/as alunos/as, a professora desenvolveu uma temática sobre as artes, trocando experiências dando prosseguimento ao desenvolvimento do trabalho, fazendo uma reflexão do significado do tema em questão sobre a importância da interação entre ambos/as, possibilitando-os a superar os desafios trazendo expectativa maior para sua aprendizagem. Percebeu-se que a motivação é grande por parte dos/as alunos/as quando a professora apresentou um vídeo sobre trabalhos artísticos, mostrando a organização de uma oficina, para pintura em tecidos. A motivação foi grande, por parte dos/as alunos/as que observaram tudo sem perder um detalhe. Explorando temas complexos, indo de encontro aos interesses dos/as estudantes e com o apoio da professora, houve um aprofundamento dos trabalhos, motivando todos a conquistarem sua independência.

Discutir as linguagens em qualquer etapa da vida é pensar nas pessoas, estabelecendo metas para construção de um mundo melhor. A educação na construção das identidades e dos saberes do dia a dia refletindo nas transformações das desigualdades sociais, dando uma atenção maior para os desafios enfrentados pelos os quais surgem para a população mais humildes, transformando o contexto histórico. O papel dos/as professores/as é essencial atendendo as necessidades dos/as alunos/as influenciando a aprendizagem, interagindo de forma significativa organizando as ideias na compreensão do conhecimento.

Espera-se que esse trabalho contribua para essa modalidade de ensino EJA, dando continuidade a uma série de soluções, preenchendo as lacunas dos/as estudantes que precisam aprender superando suas dificuldades e vencendo os obstáculos enfrentados por todos/as precisando de ações voltadas para compreendê-la a evolução do mundo, precisando de uma linha evolutiva de lições que precisam ser aprendidas superando os desafios e exclusão da educação. Os/as professores/as precisam ser facilitadores na comunicação entre seus/as alunos/as, provocando debates entre os conhecimentos vividos e sua proposta pedagógica promovendo diálogos nesse processo de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as observações realizadas no período do estágio obrigatório, assim como os dados coletados num questionário aplicado com a professora e uma entrevista realizada com quatro (4) alunas, foi possível perceber as dificuldades apresentadas na leitura e escrita pelos alunos/as, no momento em que foram realizadas as atividades na sala de aula. Pode-se perceber diante dos resultados obtidos, que a professora, no exercício de sua prática pedagógica, transmitiu confiança nos conteúdos aplicados incentivando os/as alunos/as a querer aprender participando com questionamentos quanto à discussão do texto.

Diante dos problemas surgidos na sala de aula observada, constatou-se que o objetivo foi atendido durante o desenvolvimento das atividades que a professora desenvolveu na sua prática pedagógica, com ações motivando a participação dos/as aluno/as na leitura interagindo e valorizando seus interesses, sobre o que está sendo discutido, trazendo de encontro à realidade e necessidades dos mesmos/as, fazendo com que essa aprendizagem fosse significativa, tendo um sentido para eles, respeitando o ritmo de cada um, no transcorrer da aula, com um momento de reflexão, com uma leitura coletiva surgindo questionamentos, com informações necessárias ao desenvolvimento da prática de leitura.

Ao desenvolver uma atividade sobre a leitura de um texto, presenciou-se momentos de mediação da professora, numa roda de conversa, com a turma, com perguntas e respostas estimulando o gosto pela a leitura, neste momento, estando apto a realizar o processo de compreensão e interpretação textual, trazendo benefícios para seu aprendizado. Desenvolvendo a prática de leitura preparando o aluno/a para escrever tendo suas próprias opiniões a respeito do tema lido, adquirindo experiências, antes, desconhecidas por eles. A leitura é a base para aquisição do conhecimento, para isto é necessário instigar os/as alunos/as tornando-se um leitor consciente da prática da leitura construindo o saber.

As estratégias adotadas pela professora no processo de leitura realizados na sala de aula foram fundamentais ampliando o vocabulário dos/as alunos/as, superando as dificuldades existentes de acordo com a experiência de cada um, possibilitando a interação entre o que foi exposto no texto e o leitor, através da comunicação, trocando experiências, influenciando a capacidade de desenvolver a escrita. Facilitando aos/a alunos/as aptos a escrever palavras ou

pequenos textos que tenham significados diante do que foi trabalhado nas atividades desenvolvidas durante as aulas.

No desenvolvimento deste trabalho, foram citados diversos teóricos, inclusive Paulo Freire, que revolucionou a forma de alfabetizar colhendo dados do próprio cotidiano dos/as alunos/as trabalhadores, através do diálogo para saber suas reais necessidades, transformando sua aprendizagem, alfabetizando em pouco tempo, procurando desenvolver o material adequado para atender as suas expectativas. Nesse processo de ensino e aprendizagem, foi possível perceber a influência da prática pedagógica que a professora exerceu durante o desenvolvimento das aulas proporcionando momentos significativos influenciando a interação entre todos/as.

Com relação aos aspectos estudados e observados, pode-se compreender que a alfabetização foi necessária para que os/as alunos/as pudessem aprender a ler e escrever, mesmo com seus conhecimentos prévios, foi preciso a professora alfabetizar associando novos conhecimentos desenvolvendo a capacidade de raciocínio e habilidade tanto da leitura e escrita, utilizando meios com gêneros textuais. A alfabetização não ocorre sozinha, ela está associada ao letramento, porque a partir do momento que os/as alunos/as aprendem a ler e escrever, eles/as se apropriam do que está lendo absorvendo os conhecimentos extraídos do próprio texto, interpretando a mensagem do tema em estudo, se tornando letrado.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir com seus leitores nas ações construtivas dos/as professores/as que atuam na sala de aula da EJA, alertar para a necessidade de uma formação voltada para esta modalidade, e despertar o interesse por reflexões sobre sua prática pedagógica desenvolvida, pois ensinar a jovens e adultos torna-se um desafio nos dias atuais, por conta das diversidades culturais e sociais, exigindo transformações no método de ensino e capacitação permanente para exercerem sua função atendendo às expectativas desses/as estudantes que voltaram em busca de um conhecimento. O ambiente escolar é um espaço de aprendizagem, para que eles/as possam conviver interagindo com novas ideias durante as discussões envolvendo a socialização.

Será que a escola assume um compromisso para atender às expectativas desses alunos? A educação é um processo em construção e desenvolvimento envolvendo sempre um recomeço usando estratégia entre o aprender e o ensinar. Será que os/as professores/as estão capacitados para atender esses sujeitos, com conhecimentos mais aprofundados na área de jovens e adultos? Indagações como estas, merecem atenção dos futuros pedagogos, ao enfrentar os desafios surgidos na sala de aula, sabendo que a tecnologia da informação fornece um suporte importante quanto à transformação dos métodos de ensino.

REFERÊNCIAS

BUENO, Belmira Oliveira, **Viver a Profissão Pensar a Formação:** Contribuições dos Estudos com Histórias de Vida de Professores. In: PIOTTO, Débora Cristina. (org.). Anais da 3ª semana da educação: A Profissão Docente em Debate. Ribeirão Preto/ SP: Legis Summa. 2006. P. 96.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá and MITRULIS, Eleny. **Trajetória e desafios dos ciclos escolares no País.** Estud. av. [online]. 2001, vol.15, n.42, pp. 103-140. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000200003>. Acesso em 15-jan-2020.

_____. **Trajetória e desafios dos ciclos escolares no Brasil.** Revista Portuguesa de Educação, v. 16, n. 2, p. 69-115, 2003.

_____. **Ciclos:** estudos sobre as políticas implementadas no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27, 2004, Caxambu-MG. Anais eletrônicos... Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: . Acesso em: 15 out. 2014.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Portuguesa/Secretária de Educação Fundamental.** Brasília. 1987.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Vademecum acadêmico de direito. 10. ed. São Paulo: Rideel, 2012.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.** Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96. Brasília-1998.

CAVALCANTI, Márcia Molina. **Estudo da política da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil.** [Monografia]. Faculdade Carlos Drummond de Andrade, s/d.

CUNHA, Maria Conceição da. **Introdução** - discutindo conceitos básico. In SEED-MEC Um Salto para o Futuro – Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 1999.

CIASCA, Sylvia Maria. **Distúrbios de aprendizagem:** proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

CARRANO, Paulo. **Identidades Culturais juvenis e escolares:** arenas de conflitos e possibilidades. In. Moreira, A. F. & CANADU, V. M.(Orgs.) **Multiculturalismo:** diferenças Culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: vozes, 2008.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

ESTRELA, M. T. (Org.) **Viver e Construir a profissão docente**. Lisboa: Porto, 1997.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. Escola em ciclos: uma escola inquieta – o papel da avaliação. In: KRUG, Andrea Rosana Fetzner (Org.). **Ciclos em revista**: a construção de uma outra escola possível. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2007. v.1.

_____. **Escolaridade em ciclos**: desafios para a escola do século XXI. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

_____. Cláudia de Oliveira. **A necessária superação da dicotomia no debate séries-ciclos na escola obrigatória**. Cad. Pesqui. [online]. 2010, vol.40, n.141, pp. 881-894. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742010000300011>. Acesso em 20-jan-2020.

FERREIRA, Maria José Vale. **Princípios político-pedagógicos do MOVASP**. São Paulo, MOVA-SP, Caderno n°. 2, Secretaria Municipal de Educação, abril de 1990.

FREITAS, J.C. de. **Cultura e currículo**: uma relação negada na política do sistema de progressão continuada no estado de São Paulo. São Paulo, 2003. Tese (doutorado) Pontifícia Universidade Católica.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. Ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. **Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa**. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v. 3, n. 2, p. 81-89, mai./ago. 2005.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs). **Educação de Jovens e Adultos**: Teoria, Prática e Proposta. 10. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, mai. /jun./Jul./Ago. 2000. n° 714, p.108-130.

_____. **Diretrizes de Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC/SEF, 1994. (Série institucional; volume 08).

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 6ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KAWAMOTO, Elisa Mári; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **História em quadrinhos como recurso didático para o ensino do corpo humano em anos iniciais do ensino fundamental.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 20, n. 1, p. 147-158, 2014. Disponível em: Acesso em: 24- jun-2019.

LEMOS Marlene Emília Pinheiro de: **Proposta Curricular. In: salto para o futuro – Educação de Jovens e Adultos**/Secretaria de Educação a Distância. Brasília Ministério da Educação, SEED, 1999.

MENEZES, Cristiane Souza de. A Participação Feminina em Turmas da Educação de Jovens e Adultos. V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife. 19 a 22/set.2005.

_____. **As relações de Gênero no processo de escolarização de alunas da Educação de Jovens e adultos.** Artigo científico. Recife. 2004. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/licitacao/relacaodegenero.pdf> Acesso em 20- nov.-2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividade de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez,2010.

MATTA, Sozângela Schemim da. **Português - Linguagem e Interação.** Curitiba: Bolsa Nacional do LTDA.2009.

MAZZUCO, Neiva Gallina; SILVA, Sérgio Almeida da. **História e Políticas de Educação no Brasil Império.** 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. UNOESTE: Campus Cascavel, 2003. Disponível em: <http://cacphp.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/poster/educacao/pedu15.pdf> Acesso dia 10/abr/2019.

MOURA, Tânia Maria Melo. **A Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos/ Dilemas Atuais.** Belo Horizonte: Autêntica. 2003, p. 128.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. **Educação de jovens e adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica.** Curitiba: Educarte, 2003.

Pequena História das Invenções. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976. <https://www.infoescola.com/comunicacao/escrita/> Acesso -2-fev-2020.

PAIVA, Vanilda. **Educação de popular e educação de adultos.** São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PIERRO, Maria Clara Di. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005 1135. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 07-fev-2020.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PINTO, J, M, S. **O tempo e a aprendizagem:** subsídios para uma nova organização do tempo escolar. Porto: ASA, 2001.

RAMPAZZO, Lima. **Metodologia científica**, 3ª ed. São Paulo: Loyola 2005.

RIBEIRO, Vera Masagão, JOIA, Orlando, PIERRO, Maria Clara Di. **Visões da educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>. Acesso em 17-jun-2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SOEK, Ana Maria; HARACEMIV, Sonia Maria Chaves; STOLTZ, Tânia. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e Adultos**. Curitiba: Positivo. 2009.

SANTANA, Daniella Cordeiro dos Santos de. **EJA: breve análise da trajetória histórica e tendências de formação do educador de jovens e adultos**. s/d. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/28e93eb53881513e51959a43ae232800_1862.pdf Acesso dia 10/abr/2019.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2001. _____ Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Revista presença pedagógica, V.9, n. 52. Jul./ago. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In:___ (org. e Trad.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos sentidos culturais**. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos: Teoria e Prática**. 2. ed. Petrópolis, RJ. Vozes 2012.

SOEIRO, Kelma Araújo- Currículo e Formação de Professores: Construção Coletiva Dialogada- IN. SAMPAIO, Mariza Narciso, (org). **Práticas de Educação de Jovens e Adultos/ complexidades, Desafios e propostas**. Belo horizonte: Autêntica, 2009- (Coleção estudos em EJA).

SOUZA, Maria Antônia- Educação de Jovens e Adultos. 2 ed. Curitiba 2011: Xibpex Dialógica. p.198.). **Práticas de Educação de Jovens e Adultos/ complexidades, Desafios e propostas**. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, M. A. **Educação de Jovens e Adultos**. 2 ed. Curitiba 2011: Xibpex. Dialógica. P.198.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Questões da nossa Época; v. 47). Educação. São Paulo Atlas, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa**.

WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

<http://portal.mec.gov.br/index.php> acesso em 17-jun-2019.

www.significados.com.br > alfabetização. Acesso em jan-2020.

APÊNDICE 1 QUESTIONÁRIO APLICADO COM A PROFESSORA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO

I - DADOS PESSOAIS

Estado civil:

() Solteira () Casada () Viúva () Divorciada () Outro

Nacionalidade: () Brasileira () Estrangeira

Quantos anos têm de experiência, como professora? _____

II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Curso Superior: _____

Pós-Graduação: () Sim () Não

Se você assinalou Sim, responda: () Aperfeiçoamento () Especialização

Mestrado () Doutorado () Pós- Doutorado

III - QUESTIONÁRIO

1. Quantos alunos são matriculados na sua sala de aula? _____
2. Quantos alunos do sexo masculino e do sexo feminino? _____
3. Qual a faixa etária dos alunos? _____
4. Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos na leitura e escrita?
5. Quais as ações pedagógicas que são desenvolvidas para superar as dificuldades apresentadas pelos/as alunos/as na leitura e escrita?
6. Ao perguntar a professora até que ponto a leitura e escrita é fundamental na vida dos alunos/as?
7. Como é o relacionamento dos/as alunos/as com a faixa etária diferente?
8. O que é ser professor/a da Educação de Jovens e Adultos?
9. Em sua visão, quais as práticas pedagógicas realizadas para a superação das dificuldades de aprendizagem?
10. Qual a importância da EJA na vida dos alunos?

APÊNDICE 2 ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS ALUNOS

IDADE:

() 15 a 18

() 19 a 30

() 31 a 50

() 51 a 80

DADOS PESSOAIS DOS ALUNOS/AS DA EJA

Sexo: () Masculino () Feminino

Estado Civil:

() Solteiro(a) () Casado(a) () Viúvo(a) () Divorciado(a) () Outro

Qual a sua ocupação? _____

Você quando criança frequentou a escola? () Sim () Não

Se respondeu sim, por que parou de estudar?

Se respondeu sim, por que retornou a estudar?

Se respondeu não, por que não frequentou a escola?

Se respondeu não, por que está na EJA?

Qual a importância do estudo em sua vida?

.

